



**ARTE, CULTURA E TRAUMA NO CONTEXTO DE ISOLAMENTO SOCIAL DA  
PANDEMIA DE COVID-19**

Jaqueline Rapachi

Bento Gonçalves, 2022.

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE PSICOLOGIA

Trabalho apresentado como requisito parcial para a aprovação na disciplina PSI4049X – Trabalho de Conclusão de Curso II, sob a orientação da Profa. Dra. Magda Colao.

Jaqueline Rapachi

Bento Gonçalves, 2022.

*O lugar em que temos razão*

*“Do lugar em que temos razão*

*jamais crescerão*

*flores na primavera.*

*O lugar em que temos razão*

*está pisoteado e duro*

*como um pátio.*

*Mas dívidas e amores*

*escavam o mundo*

*como uma toupeira, como um arado.*

*E um sussurro será ouvido no lugar*

*onde houve uma casa*

*que foi destruída”.*

*Yehuda Amichai.*

*Dedico esse trabalho às mais de 685 mil vítimas brasileiras de COVID-19.*

*Especialmente ao Seu Romeu e à Teresa.*

## AGRADECIMENTOS

Sinto a necessidade de começar agradecendo a todos os meus mestres e mestras, desde o prézinho (como era chamado o jardim de infância) até os dias atuais. A cada professor(a) que passou por mim, que dedicou seu tempo de vida, sua energia, que compartilhou e dividiu seu conhecimento comigo, meu muito obrigada. Agradeço a quem iniciou a “cura pela fala”, seu Sigmund Freud, pois seu empenho e dedicação numa época tão obscura foi fundamental para que nós, seus “discípulos” pudéssemos dar continuidade ao seu trabalho. Meus agradecimentos a Clarice Lispector, onde pude encontrar aconchego e compreensão no meio do seu caos particular. Gratidão a cantora Pitty, a banda Forfun e posterior banda Braza e a banda Fresno, principalmente, que me fizeram um ser humano ainda mais sensível, crítico e reflexivo diante da jornada da minha vida.

Eu não teria chegado até aqui sozinha, literalmente. Me sinto lisonjeada por meus pais, João e Maria, confiarem em mim e me ensinarem a conduzir a minha própria vida. Agradeço ao Gustavo Henrique por ser meu primeiro cúmplice de vida. À Caroline, Nitieli e Jenifer que puderam ver minha transformação tantas vezes e nunca escolheram me abandonar. Obrigada amigas, companheiras, irmãs, por me lembrarem de sentir orgulho da minha história. Minha gratidão à Ana Paula, Ana Beatriz e Guilherme, que me acolheram nesta cidade que é tão diferente de mim, mas que fizeram eu me sentir amada e querida exatamente por eu ser como sou. Agradeço ao Eugênio por despertar em mim paciência, cuidado e amor. Me sinto honrada por ter você comigo neste momento tão importante da minha vida. À minha atual psicóloga por ter me enxergado de maneiras que eu, sozinha, jamais conseguiria. Obrigada Karin, por isso.

Agradeço pela companhia fiel e amorosa do meu gato que faleceu em 2021, Dexter.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>6</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>OBJETIVOS</b>	<b>13</b>
<b>Objetivo Geral</b>	<b>13</b>
<b>Objetivos Específicos</b>	<b>13</b>
<b>REVISÃO DA LITERATURA</b>	<b>14</b>
<b>COVID-19: a doença que paralisou o mundo</b>	<b>14</b>
<b>Necropolítica do governo brasileiro e saúde mental</b>	<b>15</b>
<b>Psicanálise, laço social e cultura</b>	<b>17</b>
<b>O papel da arte e da cultura no contexto pandêmico entre os anos de 2020 e 2021.</b>	<b>19</b>
<b>Trauma e pandemia.</b>	<b>21</b>
<b>MÉTODO</b>	<b>24</b>
<b>Delineamento</b>	<b>24</b>
<b>Fontes</b>	<b>25</b>
<b>Instrumentos</b>	<b>26</b>
<b>Procedimentos</b>	<b>26</b>
<b>Referencial de Análise</b>	<b>27</b>
<b>RESULTADOS</b>	<b>28</b>
<b>DISCUSSÃO</b>	<b>29</b>
<b>Categoria 1: Fala</b>	<b>29</b>
<b>Categoria 2: Arte</b>	<b>35</b>
<b>Categoria 3: Convívio Social</b>	<b>44</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>54</b>

## RESUMO

A presente pesquisa tem como tema principal a reflexão sobre as artes no período de isolamento social devido à pandemia mundial de COVID-19, bem como criticar a gestão do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro durante esse período pandêmico e também noticiar sobre os laços sociais neste momento histórico. O objetivo geral é discutir sobre a importância da arte para a saúde mental dos brasileiros durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. Os objetivos específicos são contextualizar a pandemia de COVID-19 no Brasil e a atual gestão do Governo diante do contexto pandêmico; discutir a arte como linguagem pelo viés da psicanálise e apresentar a arte e o papel da cultura no contexto da pandemia de COVID-19 no Brasil. A revisão da literatura é composta pelos seguintes capítulos: COVID-19: a doença que paralisou o mundo; Necropolítica do governo brasileiro e saúde mental; Psicanálise, laço social e cultura; O papel da arte e da cultura no contexto pandêmico entre os anos de 2020 e 2021 e por último Trauma e pandemia. Realiza-se então uma pesquisa qualitativa exploratória, a fonte principal utilizada é o Seminário Arte como Respiro, o instrumento é uma tabela de cenas principais e o referencial de análise é a análise de conteúdo. Diante disso, qualifica-se o governo de Bolsonaro como necropolítico, verifica-se que a arte tem um poder humanizador e constata-se que a possibilidade de mudança está no campo de desejo baseado na cooperação.

Palavras-chave: Psicologia social, pandemia, arte, cultura, trauma.

## **ABSTRACT**

The present research has as its main theme the reflection on the arts in the period of social isolation due to the global pandemic of COVID-19, as well as criticizing the management of the current president of Brazil, Jair Bolsonaro during this pandemic period and also reporting on social ties. at this historic moment. The general objective is to discuss the importance of art for the mental health of Brazilians during social isolation in the COVID-19 pandemic. The specific objectives are to contextualize the COVID-19 pandemic in Brazil and the current government management in the face of the pandemic context; discuss art as a language from the perspective of psychoanalysis and present art and the role of culture in the context of the COVID-19 pandemic in Brazil. The literature review consists of the following chapters: COVID-19: the disease that paralyzed the world; Necropolitics of the Brazilian government and mental health; Psychoanalysis, social bond and culture; The role of art and culture in the pandemic context between 2020 and 2021 and finally Trauma and pandemic. An exploratory qualitative research is then carried out, the main source used is the Arte como Respiro Seminar, the instrument is a table of main scenes and the analysis reference is the content analysis. In view of this, Bolsonaro's government is qualified as necropolitical, it is verified that art has a humanizing power and it is verified that the possibility of change is in the field of desire based on cooperation.

**Keywords:** Social psychology, pandemic, art, culture, trauma.

## INTRODUÇÃO

A pandemia do novo coronavírus, causador da doença COVID-19, foi um evento que nos desorganizou e nos deixou sem chão, mas alguma resposta haveremos de dar a esse triste evento. A pandemia da COVID-19 é considerada a maior do século 21 e a primeira a irromper numa sociedade tão interconectada pelas redes digitais, de acordo com o jornal digital Nexo (2020). A infecção foi inédita por levar a uma quarentena global. Apesar de o distanciamento entre as pessoas ser um procedimento utilizado desde a antiguidade para evitar o contágio de doenças, é na atual pandemia de coronavírus que está ocorrendo, pela primeira vez, uma quarentena de proporção global. De acordo com a Agência Brasil (2020), Stefan Cunha Ujvari, pesquisador e médico infectologista do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, a atual pandemia tem ecos do passado, ou seja, elementos comuns às pandemias antigas, como o pânico e o aparecimento de *fake news*. No entanto, ela traz a novidade da realização de uma quarentena global, praticamente sendo feita, ao mesmo tempo, por centenas de países. E neste momento, eu sinto a necessidade de questionar o caro leitor: diante da magnitude e ordem vital que a natureza nos impõe, o que se pode fazer, dadas às circunstâncias pessoais de cada pessoa, com o sofrimento inevitável que uma pandemia da grandiosidade da COVID-19 nos faz experimentar? É sobre isso que eu acredito ser importante deixar registrado na história. As ações e reflexões que foram feitas mesmo diante do caos enfrentado perante ao desconhecido que batia à nossa porta. Também é interessante pensar que esses eventos podem ser também oportunidades de revisões de práticas culturais e geração de conhecimentos científicos, assim como ocorrem com situações de guerra, a exemplo do desenvolvimento de áreas como a Medicina, a Fisioterapia, a Terapia Ocupacional, a Psicometria, a Psicologia da Saúde, especialmente após a II Guerra Mundial (Souza e Faro, 2011). Campos de conhecimentos ligados à Comunicação de Massa, o uso das Artes e da Propaganda, como forma de promover ações políticas no combate a doenças são vistos nesses tempos difíceis em diversos países (Yan, Tang, Gabriele e Wu, 2016).

Em sua obra “O mal estar na civilização” (1930/2010) Freud elenca três fontes do sofrimento humano em um nível corporal e social que se resumem no próprio corpo e suas limitações, o relacionamento com o outro e a força dos fenômenos naturais enquanto potencial de destruição. Pode-se afirmar que durante o período de isolamento social as pessoas enfrentaram todos esses sofrimentos em diferentes níveis. O mundo viveu (e ainda vive) a pandemia obrigando a todos a ficarem distantes daquilo que nos é mais valioso: o contato físico (eu prefiro dizer afeto mesmo). Pandemias como a de COVID-19 afetam pessoas no mundo inteiro, sem distinção de etnia, cultura, gênero ou nacionalidade, e momentos críticos como este têm grande potencial para desencadear sintomas psicológicos na população, como aponta Lobo e Rieth (2021) em seu artigo “Saúde mental e COVID-19: uma revisão integrativa da literatura”. Segundo as autoras, foram selecionados 43 artigos, de acordo com critérios de inclusão e exclusão, e todos foram publicados em 2020, referindo-se ao primeiro ano da pandemia. Sintomas depressivos e ansiosos, estresse e insônia foram frequentemente relatados e estiveram relacionados a ser profissional da saúde, adulto jovem, mulher; ter menor escolaridade e renda, histórico de doença crônica ou transtorno psiquiátrico e maior exposição nas mídias. Agravasse o fato de estar no Brasil durante esse período pandêmico, pois o governo do presidente vigente deixou claro, desde o momento em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de pandemia, como iria lidar, ou melhor, como não iria lidar, com o que estava por vir. Durante a pesquisa é trazido dados a respeito da gestão do governo durante o primeiro semestre de 2020, a fim de demonstrar como essa gestão governamental qualifica-se como necropolítica e negacionista, principalmente. A sociedade brasileira possui um extenso histórico de traumas coletivos não elaborados. Começando pelo genocídio indígena, passando pela escravidão e, mais recentemente, a ditadura militar, a história do Brasil é repleta de violências em grande escala que deixaram marcas profundas até hoje, não apenas pelo seu horror intrínseco, mas também por terem sido silenciadas, em vista disso, não terem sido devidamente simbolizadas, ficando invisibilizadas. A tragédia do coronavírus e a forma como tem sido tratada em nosso país, longe de ser algo inédito, é mais um trauma a ser adicionado a essa lista de tragédias

brasileiras. Portanto, é evidente a necessidade de novos estudos acerca do tema, pois trata-se de um assunto demasiado atual e que novos artigos vêm sendo publicados quase diariamente, logo, a relevância do presente trabalho também se dá por essa razão.

Pensando na minha jornada até aqui, é impossível não haver um momento em que eles não estão lá: as canetas, os diários e as folhas em branco. Desse modo, juntei minha afinidade e prática pessoal de manifestações artísticas como a pintura, desenhos e a escrita, e decidi pesquisar a respeito do papel da arte e da cultura para os brasileiros no contexto da pandemia. Como eu já possuo algum conhecimento prévio a respeito do tema e sei justamente por experiência própria os benefícios de se produzir artisticamente ou não qualquer material ou obra, a razão central da escolha desse tema se dá por isso, pela minha familiaridade com a arte e o fazer criativo, junto com a importância desse fazer criativo num dos momentos mais angustiantes que passamos, o isolamento social devido a COVID-19. Durante o ano de 2021 comecei a elaborar e organizar melhor as ideias, pensamentos, expectativas e desejos para meu trabalho de pesquisa que viria no próximo ano. Dentre minhas reflexões e anotações tenho as seguintes perguntas: “Como a arte está sendo manifestada pelas pessoas nesse contexto pandêmico? Onde elas estão depositando seu sofrimento? Onde está seu sofrimento? O que elas utilizam? O que elas fazem quando sofrem? O que a pandemia trouxe à luz? O que o isolamento fez elas sentirem, pensarem e/ou fazerem? Será que as pessoas estão buscando dar um sentido ao seu sofrimento?” Sempre me chamou atenção o fato das potencialidades do ser humano, apesar do e frente ao sofrimento inevitável da vida. As patologias, psicopatologias e tantos outros diagnósticos são de extrema importância, porém também tenho apreço pelo desenvolvimento, aprimoramento e descobrimento da pulsão de vida de cada pessoa. A arte vem a ser um exemplo dessa pulsão, e penso ser importante falar disso agora justamente pelo contexto histórico da pandemia, ao invés de olhar somente para as mazelas, as perdas e as dores, que bem sabemos são inúmeras, eu prefiro olhar para a sublimação disso tudo, trazendo como aporte teórico da presente pesquisa a Psicanálise e como artefato cultural três vídeos do Seminário Arte como Respiro promovido pelo Itaú Cultural, publicados no ano de 2021. O Instituto Itaú Cultural existe

desde 1987 na cidade de São Paulo e considera a cultura uma ferramenta essencial à construção da identidade do país e um meio eficaz na promoção da cidadania, o que vai de encontro com meu problema de pesquisa: Durante o período de isolamento social devido a pandemia da COVID-19, qual ou quais papéis a arte em suas mais variadas formas e a cultura tiveram na vida dessas pessoas? Nesse sentido, o trabalho mostra como o estudo do tema pode demonstrar que a arte pode servir como mobilizadora de angústias, pois o sofrimento é inerente à vida humana. Faz parte da presente pesquisa os desafios do individualismo que a pandemia trouxe à tona, bem como a importância das relações afetivas e laços sociais. Quando falamos que o ser humano precisa do outro, isso vai muito além da pura questão da sobrevivência. Claro, somos a espécie que nasce mais dependente de cuidados do que qualquer outra no planeta, mas ainda há a questão do investimento libidinal, do desejar e ser desejado, investir e ser investido. Esse desejar e ser desejado não é apenas no sentido de uma “relação amorosa”, mas sim de uma forma geral, em todas as nossas relações, todos os nossos laços sociais. Uma ilustração: quando encontramos um filme que realmente nos impressiona, logo queremos dividir isso com alguém. Poderíamos guardar aquela boa experiência conosco, mas não, gostamos de compartilhar com alguém, transmitir o que sentimos para o outro. Seja pela razão que for: para que o outro também tenha uma boa experiência; ou para que ele fique agradecido a você pela indicação (ou seja, que invista em você), ou qualquer outra. A questão toda é essa: nós nos formamos a partir do outro, e a partir disso, somos sempre dependentes dessa troca, dessa relação com o outro. Isso me faz lembrar de uma música: “Alegria compartilhada, é alegria redobrada” (Forfun, 2011).

Além disso, meu trabalho possui um viés crítico e político, pois ser falante é ser político, e diante dos fatos que aconteceram desde antes do período de isolamento social, entre os anos de 2020 e 2021, eu não poderia ignorar tais acontecimentos e me calar. Minha pesquisa acaba fazendo parte do que se chama resistência. Por mais simples que seja e por mais privilegiada que eu também seja, essa é a minha contribuição contra o governo atual brasileiro, que é um governo fascista, negacionista, genocida, perverso, narcisista. Se eu me abstivesse diante do que se passou por entre

mim, ao meu lado e por mim, eu estaria cometendo o crime do silêncio (Hanna Segal, 1987) e por isso, eu não me perdoaria.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral**

Discutir sobre a importância da arte para a saúde mental dos brasileiros durante o isolamento social na pandemia de COVID-19.

### **Objetivos Específicos**

- Contextualizar a pandemia do Covid-19 no Brasil e a atual gestão do Governo diante do contexto pandêmico;
- Discutir a arte como linguagem pelo viés da psicanálise;
- Apresentar a arte e o papel da cultura no contexto da pandemia de COVID-19 no Brasil.

## REVISÃO DA LITERATURA

### **COVID-19: a doença que paralisou o mundo**

Quarta-feira, 11 de março de 2020. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a COVID-19 (Coronavirus Disease 2019) como uma pandemia (Schmidt et al., 2020). No Brasil o primeiro caso foi confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020 e até 3 de abril de 2021 foram registrados 12.953.235 casos confirmados com 330.193 óbitos, de acordo com dados oficiais do Boletim Epidemiológico Covid-19 N°. 53 – 09/04/2021. Passados mais de dois anos do início do isolamento e da pandemia, até o momento enquanto escrevo essa pesquisa, o Brasil registra 34.771.320 de casos e 687.423 mortes devido à COVID-19 (Plataforma Github, Universidade John Hopkins, 2022). No mundo, conforme a Universidade Johns Hopkins, são mais de 6,09 milhões de mortes e mais de 472 milhões de casos até março de 2022. Os países com mais casos são Estados Unidos, Índia, Brasil, França e Reino Unido. Quando falamos em mortes, o ranking muda: EUA, Brasil, Índia, Rússia e México.

Apesar de a vacinação contra a COVID-19 no Brasil ter começado em janeiro do mesmo ano (Agência Brasil, 2021), o cenário ainda demonstrava ser caótico. Conforme Ferreira, Lima e Souza (2021) a desinformação e a infodemia geraram um caos social, enfatizando os impactos negativos das *fake news*. Mais acelerados do que a propagação do vírus eram o desespero e o pavor, consequentes da rápida disseminação, principalmente no meio digital, de notícias falsas sobre o novo fenômeno, caracterizando uma infodemia (Ferreira et al., 2021).

No dia 24 de março de 2021, o presidente do Brasil criticou em pronunciamento o pedido para que as pessoas ficassem em casa, contrariando o que especialistas e autoridades sanitárias de todo o mundo recomendara na época (Sanar Saúde, 2020). O presidente culpava os meios de comunicação por espalharem o que chamou de sensação de pavor e afirmou que, caso ele mesmo contraísse o vírus, seria apenas uma “gripezinha”. Aqui devo lembrar o leitor de que esse é um trabalho de cunho científico e trata da complexidade dos fatos humanos, dessa forma enfatizo meu

posicionamento diante da barbárie que presenciei, principalmente, durante os anos de 2020 e 2021, pelo atual governo do Brasil. Minha intenção aqui é criticar, analisar e questionar o que, diante dos fatos, contribuiu ou não para a saúde mental das pessoas durante esse período de isolamento, portanto, assim, é a minha insatisfação diante dos fatos ocorridos nos anos de 2020 e 2021, que me leva a cultivar, desenvolver e fundamentar solidamente o espírito crítico.

Conforme Calil (2020) em seu artigo intitulado “A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista” a hipótese central da política do governo em relação à pandemia da COVID-19 tinha como intenção atingir imunidade coletiva, estimulando a contaminação generalizada e para atingir este objetivo, o presidente vigente minimizou a gravidade da pandemia, estimulou comportamentos inadequados e disseminou informações falsas. Nesta perspectiva, o autor entende que a estratégia necropolítica se completa com a desqualificação da pandemia (“histeria”, “história mal contada”, “gripezinha”, “não sou coveiro”), o estímulo a atitudes que induzem à aceleração do ritmo de contaminação (aglomeração, uso incorreto da máscara, defesa da abertura de academias, salões de beleza e escolas) e a propagação de falsas soluções, em especial com anúncio de medicamentos comprovadamente ineficazes.

### **Necropolítica do governo brasileiro e saúde mental**

Santos, et al. (2021) no artigo denominado “Impacto das decisões das autoridades públicas na vida e na morte da população: COVID-19 no Brasil, Março de 2021” analisa uma das decisões tomadas pelo Ministério da Saúde do Brasil durante a pandemia da Covid-19, que, em agosto de 2020, recusou a proposta da farmacêutica Pfizer para aquisição de 70 milhões de doses da vacina Pfizer/BioNTech. Os autores questionam-se se, entre as pessoas com 80 anos ou mais de idade que faleceram de COVID-19 no Brasil, no mês de março de 2021, quantas delas poderiam estar vivas, caso o Ministério da Saúde do Brasil tivesse adquirido, em agosto de 2020, as 70 milhões de doses da vacina Pfizer/BioNTech? Segundo Medina et al. (2020) a desproteção social e do trabalho promovida pelo atual governo, em conjunto com o aumento da informalidade, mostrou sua face

mais perversa de forma aguda no momento em que a situação sanitária ainda exigia distanciamento social para diminuir o contágio, reduzir sofrimento e mortes. É por meio dessa postura de desprezo pela vida humana, pois, segundo o presidente, a morte “é o destino de todo mundo”, que a necropolítica se apresenta, segundo Souza (2021), pois as vítimas, em sua grande maioria, são pessoas mais expostas ao contágio: moradores da periferia, pessoas em situação de rua, pessoas encarceradas, pessoas em situações de asilamento, comunidades indígenas, além dos que estão na linha de frente do combate à doença e trabalhadores de serviços essenciais e autônomos, que não têm a possibilidade de “parar”.

Em suma, todos esses fatores mencionados até então contribuem em maior ou menor grau para o adoecimento físico e/ou psíquico da população brasileira, com o agravante do despreparo e descaso do atual governo diante da pandemia de COVID-19 (Conselho Nacional de Saúde, 2020). Como aponta o psicanalista e professor Christian Dunker numa reportagem concedida ao site oficial da Central Única dos Trabalhadores (CUT) em 24 de junho de 2021, a pandemia é um fator de risco generalizado para doenças mentais e orgânicas:

Do ponto de vista de transtornos mentais, podemos atribuir o risco aos efeitos da solidão, da privação do contato social, das relações com outras pessoas – que são benéficas e protegem a vida psíquica –, e outros motivos como a redução de renda, a falência, o desemprego e o aumento da violência.

O confinamento imposto pela Covid-19 já foi descrito como o “maior experimento psicológico do mundo” (Van Hoof, 2020). Dentro deste contexto, a saúde mental (SM) é um componente essencial para a saúde. Em situações de epidemia, o número de pessoas psicologicamente afetadas costuma ser maior que o de pessoas acometidas pela infecção, sendo estimado que um terço da população possa apresentar consequências psicológicas e psiquiátricas caso não recebam cuidados adequados (CEPEDES, 2020). Segundo Lima (2020), existe uma grande revisão de estudos sobre situações de quarentena que apontou alta prevalência de efeitos psicológicos negativos, especialmente humor rebaixado e irritabilidade, ao lado de raiva, medo e insônia, muitas vezes de longa duração (Brooks

et al., 2000). Dessa forma, fica evidente que a pandemia tem atravessado todo o tecido social, não poupando praticamente nenhuma área da vida coletiva ou individual, gerando grandes repercussões na esfera da saúde mental (Lima, 2020).

### **Psicanálise, laço social e cultura**

A psicanálise nos ensina, a partir de Freud e Lacan (Susin, 2012) que um sujeito se constitui no laço social com o outro, portanto, somos profundamente atravessados pelo cenário subjetivo, social e cultural no qual crescemos imersos. Como diria o poeta John Donne (1624): “Nenhum homem é uma ilha”, ou seja, precisamos de uma coletividade para nos tornarmos sujeitos e construirmos sentidos para a vida:

Porque a própria sobrevivência do indivíduo depende absolutamente da existência de outro ser humano que se interesse o suficiente por ele para lhe prestar assistência, o bem supremo – consciente ou inconsciente – de todo o sistema de valores pelo qual se pautará sua conduta e seu funcionamento mental no futuro será o de ser amado ou o de fazer-se amar pelo outro (Simanke, 2009, p.10).

Assim, a psicanálise não é apenas a ciência da psique individual:

Mas também aquela das interações entre os diversos indivíduos, dos processos de identificação, de projeção e da formação de fantasias ativadas nas inter-relações e que desorientam a realidade psíquica dos indivíduos, que se atam e desatam no campo social, que lhe dão forma ou que trabalham por sua implosão. Ora, qual é o objetivo das ciências sociais (sociologia, etnologia, economia, política etc.) senão tentar saber como os indivíduos interagem e vivem em grupo, fundam as sociedades (as “entidades cada vez maiores”, seguindo a expressão de Freud), elaboram mitos, adotam comportamentos econômicos e políticos? Em certo aspecto — colocando de lado os processos puramente narcísicos irreduzíveis aos mecanismos sociais — as ciências sociais e a psicanálise têm o mesmo objeto: a criação e a evolução do laço social. (Enriquez, 2005, p. 159)

Como se percebe, não há como se entender sociedade, sem antes entender o sujeito que nela está inserido. As obras de Freud que permitiam uma nova forma de ver o mundo frente a uma Guerra Mundial, permitem uma nova forma de ver o mundo frente à COVID-19 e por isso, “toda sociedade produz seus estranhos (...) de uma maneira inimitável, (...) que geram angústia, incerteza, que, dá origem ao mal-estar de se sentir perdido” (Bauman, 1998, p. 27).

A nossa atualidade já esteve presente em Freud, no ano de 1928. A vida impõe uma situação, causa dores, desilusões, frustrações, angústias, medos e, principalmente, tarefas insolúveis. Freud nos diz:

(...) a vida, tal como nos é imposta, é muito difícil para nós, traz-nos muitas dores, desilusões, tarefas insolúveis. Para suportá-las, não podemos prescindir de medidas paliativas. Essas medidas talvez sejam de três tipos: distrações poderosas, que nos permitem menosprezar a nossa miséria, satisfações substitutivas, que a amenizam, e substâncias entorpecentes, que nos tornam insensíveis a ela. (...) A questão sobre o propósito da vida humana foi colocada incontáveis vezes, ela nunca teve nenhuma resposta satisfatória, talvez nem sequer admita alguma (Freud, 1928/2020, p. 318-319).

Senkiv e Gondim (2020) afirmam que o isolamento faz pensar e repensar o cumprimento da prática dentro da ética. Não há um corpo físico presente, mas há corpo presente, há discurso, há linguagem, há palavra, a mesma palavra que Freud já dizia curar em seu “talking cure”, não no sentido físico, mas no sentido de curar um vinho, no sentido de transformar e se transformar com o tempo, com o tempo de cada um. Por isso, me sinto provocada em utilizar a psicanálise como base na construção desse trabalho, pois dentro desse contexto, Laurent (1999) introduz o termo analista-cidadão, que seria o analista que responde ao chamado que lhe é feito, de se pronunciar ativamente sobre os eventos de seu tempo, seja na *media*, seja nas instituições em que trabalha. Brousse (2003) afirma que o inconsciente é a política, e se ser analista é dar crédito ao inconsciente, o analista é responsável pela presença do discurso analítico no laço social:

A política da psicanálise não é alheia às transformações da cultura, uma vez que o analista-cidadão se aproxima das questões referentes a polis marcando sua posição ética.

Assim, a psicanálise é cada vez mais convocada a atuar nos mais diversos campos, fora dos limites dos enquadres clássicos e das práticas standard (Brousse, 2003).

### **O papel da arte e da cultura no contexto pandêmico entre os anos de 2020 e 2021.**

“Toda obra de arte é filha de seu tempo e, muitas vezes, mãe dos nossos sentimentos”. Kandinsky (1912) sintetizava com essa frase um dos motores da criação artística — o tempo que a cerca e a emoção que a envolve. A pandemia do novo coronavírus é um desses capítulos incontornáveis para a arte. Conforme enfatiza o grafiteiro britânico Banksy, que deixou em maio de 2021 um desenho na porta do Hospital da Universidade de Southampton, na Inglaterra. Está ali estampada a lógica da nova ordem: um menino brinca com uma enfermeira vestida de super-heroína, enquanto bonecos do Batman e do Homem-Aranha ficam de escanteio no cesto ao lado.



*Figura 1.* Game Changer

Conforme a Revista Eletrônica de Jornalismo Científico Com Ciência (2020), o psicólogo e doutor em saúde coletiva da Unicamp, Bruno Emerich, a arte fez um papel de conexão na pandemia: “Podemos pensar na dimensão cultural como algo que aproxima, apesar da distância, e que conecta, apesar das diferenças. É uma forma de ampliar a compreensão e o sentimento desse momento para todo mundo”.

É fato sabido que boa parte das teorias psicanalíticas, posta em termos científicos, baseou-se em obras de arte. Como aponta Rossi (2009), Freud não escondia sua admiração por Shakespeare e por Goethe. Seu estudo sobre a obra e a vida de Leonardo da Vinci foi fundamental para expor suas teorias sobre a sexualidade, bem como a construção da teoria do complexo de Édipo através do mito de Sófocles. Dessa forma, a história da arte é uma ferramenta poderosa para nos ajudar a pensar sobre nosso tempo, inclusive em momentos de pandemias, de modo que a cultura pode ser uma inspiração nesse processo (Rede, 2020). A arte nos fala do passado, do presente e nos ajuda a pensar o futuro. E na nossa sociedade contemporânea, cujo foco é a extroversão em que se priorizam a produtividade, o consumismo, o individualismo e um estado de tensão a todo instante, de modo que não se permite o desconectar, a pandemia vem para mudar esse ritmo de vida de tal forma que empurra o ser a criar e a se adaptar rapidamente para lidar com essa nova situação (Valladares-Torres, 2020). A superação da solidão, resultado do distanciamento social, veio através dos recursos eletrônicos como meio de comunicação entre as pessoas, como afirma Nazareth (2020). É nesse contexto de isolamento social que a música, o teatro, a literatura, a arte em geral, foram aclamadas como canais de escape fundamentais da solidão, como alimento da alma, como alento e esperança de tempos e vidas sãs (Calabre, 2020). Por todo o mundo pudemos assistir à ampliação do consumo de produtos culturais, da valorização da cultura e do uso do tempo diário com atividades de arte e cultura, ainda segundo Calabre (2020). Serão poéticas urgentes dos nossos tempos: informar e conscientizar (Rede, 2020). É o engajamento social através da arte. Nesse momento o coletivo ganha mais força e o social importa mais do que nunca. Fischer (em Biesdorf e Wandscheer, 2011) aponta que a arte nunca foi uma produção de origem individual, mas sim originando-se de uma necessidade coletiva, de modo que o ser humano se utiliza da arte para dialogar com o meio em que vive.

## **Trauma e pandemia.**

Trauma é um “desastre” subjetivo que abala a organização psíquica, um efeito provocado por situações que o indivíduo não suporta devido a sua incapacidade de assimilá-las, resultando em ameaça à dimensão subjetiva, afirma Neto (2020). No contexto pandêmico, o trauma pode ser entendido como uma ruptura na "construção de significado", segundo David Trickey (BBC, 2021), psiquiatra e representante do Conselho de Trauma do Reino Unido. Num nível mais simples, um trauma coletivo ocorre quando o mesmo evento traumatiza um grande número de pessoas em um intervalo de tempo compartilhado, segundo Trickey. "Ser incapaz de respirar é o evento mais traumático que você pode imaginar", diz Metin Basoglu (em BBC, 2021), fundador da faculdade de estudos de trauma da Universidade King's College London, no Reino Unido. De acordo com Antonio (2021, p. 77):

Uma pessoa que foi vítima de falha de proteção ao meio social, que sofreu perdas multidimensionais e se encontra em meio a uma série de crises agudas ou em uma crise crônica que se estende muito tempo após o acontecimento trágico desorganizador inicial, sofre de uma dor moral profunda. Pode ocorrer simultaneamente a perda de familiares, amigos, conhecidos, animais de estimação, sua casa, meios de produção, vizinhança e locais comunitários importantes. Conforme o desastre se prolonga e se consolida no cotidiano das vítimas, estresses pós-traumáticos, transtornos de ansiedade e depressão são comumente desencadeados.

O ano de 2020 trouxe inúmeros desafios de caráter universal. O valor da produção artística encontra-se no fazer terapêutico, se ela carrega efetivamente um sentido para o viver da pessoa em questão, ao invés de qualquer valor estético, conforme Antonio (2021). Marcelino (Marcelino, Gallina e Silva, 2019) reforça que na articulação arte e corpo, pode-se ter a oportunidade de usar ferramentas como a humanização, a sensibilidade, a ética, a estética, dentre outras, que poderão servir de dispositivos libertadores dos mecanismos de imposição e de controle corporal, social, educacional e cultural. Entende-se que uma vida mais sensível, provida de ternura por si e pelo

outro, ofereça melhor qualidade ao viver, sendo imprescindível, enfatizar a importância de sempre seguir pelo viés de uma conduta ética e profissional em todos os contextos (Marcelino, 2019). Assim sendo, as pessoas que passam por esse processo podem expressar suas angústias e ansiedades, contar suas histórias de maneira simbólica e significativa, fortalecendo laços sociais e reduzindo, assim, o uso de medicamentos e suas reações adversas (Marcelino, 2019).

Bernardes (2019) nos diz que a criatividade é uma ferramenta para o autoconhecimento e quando utilizada mediante situações de sofrimento pode estimular a superação de limites pessoais e propiciar o fortalecimento coletivo. Ostrower (em Bernardes, 2019) afirma que a criatividade necessita de tensão psíquica, pois é através da dinâmica da vida humana que o indivíduo se vê impelido a criar, porém, não é preciso que a pessoa esteja em um nível superior de raciocínio, mas sim motivada. Todo e qualquer processo de superação de si mesmo é uma ponte que liga uma experiência traumática a um novo sentido da vida (Neto, 2020). O ato criativo, nesse contexto e com frequência, surge a partir de um desarranjo psíquico (caos), possibilitando uma nova ordem no campo subjetivo:

No processo criativo é necessário sensibilidade e o sofrimento deixa o ser humano afetado, ou sensível. Dessa sensibilidade pode emergir a motivação, que também faz parte do processo e sendo assim, se a pessoa estiver passando por uma situação de conflito, ela poderá ser o movimentador da criação, por ser algo que se encontra em intensidade no ser (Bernardes, 2020, p. 15).

Mota (2017), em seu artigo “Da superficialidade das palavras à comunicação fecunda da arte: o sujeito desejo pela obra de Anish Kapoor” afirma que “o grande desafio para o artista é se confrontar consigo mesmo, ser norteador por sua energia pulsional, dizer de si, não com palavras, mas com a matéria resistente, esculpida, recriada até poder dela algo escutar”. A arte funciona como tentativa de dizer o que não pode ser dito. Em outras palavras:

Através de uma determinada atividade, que envolve minúcia criativa, o artista expressa o que não é possível de outro modo. A arte é a sua palavra. Entendemos que isso está

vinculado à elaboração da experiência traumática, o que implica, para nós, o processo de ressignificação dela. A pessoa pode nem se dar conta do valor atribuído àquela tarefa, no entanto, ela se envolve a ponto de concentrar nesse trabalho valor imensurável do ponto de vista psíquico, o que, quase sempre, corresponde à valorização cultural (Neto, 2020, p. 5).

A pandemia da COVID-19 é a expressão de uma crise global, sanitária, econômica e social excepcional, e como já vimos, poucos acontecimentos históricos podem ser comparados a ela, pelo menos na escala das últimas décadas. Trata-se de uma provação no duplo sentido da palavra: dor, risco e perigo, por um lado; teste, avaliação e julgamento, por outro (Marcelino, 2019). Justamente por isso, a arte sempre terá um elemento de identidade comunitária. Produzir cultura e arte são direitos humanos e fatores de resiliência. Reyes (2020) delinea a importância da memória coletiva e Antonio (2021) nos diz que “A cultura é patrimônio vivo, recurso para resiliência e pessoas com sua história reconhecida são sujeitos sociais em sua plenitude”.

## MÉTODO

A investigação científica depende de um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos para que seus objetivos sejam atingidos: os métodos científicos. Método científico é o conjunto de processos ou operações mentais que devemos empregar na investigação (Gil, 2008).

A revisão bibliográfica ou revisão da literatura, é a análise crítica, meticulosa e ampla das publicações correntes em uma determinada área do conhecimento (Trentini e Paim, 1999). A pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas, periódicos e outros. Busca também, conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado tema (Martins e Pinto, 2001). Podemos somar a este acervo as consultas a bases de dados, periódicos e artigos indexados visando enriquecer a pesquisa. Este tipo de pesquisa tem como finalidade colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto (Marconi e Lakatos, 2007).

Desta forma, segundo os autores acima, a pesquisa bibliográfica não é apenas uma mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre determinado assunto, mas sim, proporciona o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras. Demo (2000) completa dizendo que a ideia da pesquisa é de induzir o contato pessoal do aluno com as teorias, por meio da leitura, levando à interpretação própria.

### **Delineamento**

Para a realização do presente estudo científico, foi escolhida a pesquisa qualitativa exploratória. De acordo com Lara e Molina (2015) a pesquisa qualitativa surgiu na antropologia de maneira aproximadamente naturalística, e na sua tradição antropológica ficou conhecida como investigação etnográfica. Alguns autores a definem como sendo “o estudo da cultura”. Fontelles et. al (2009) nos diz que é o tipo de pesquisa apropriada para quem busca o entendimento de fenômenos complexos específicos, em profundidade, de natureza social e cultural, mediante descrições, sem considerar os

seus aspectos numéricos em termos de regras matemáticas e estatísticas. De acordo com Gil (2010), as pesquisas exploratórias tendem a ser mais flexíveis em seu planejamento, pois pretendem observar e compreender os mais variados aspectos relativos ao fenômeno estudado pelo pesquisador.

## Fontes

Essa pesquisa teve como artefato cultural de análise o Seminário Arte como Respiro, promovido pelo banco Itaú através do canal do YouTube do Itaú Cultural, que foi ao ar nos dias 16, 17 e 18 de março de 2021. Como o foco da pesquisa é psicologia, arte e isolamento social, o seminário se encaixou nos critérios de inclusão da pesquisa, visto que teve como mediador dos vídeos o renomado psicanalista e professor Christian Dunker. O vídeo referente a Mesa 1, tem como título “Arte como construção de futuros possíveis” e teve participação de Ailton Krenak, ambientalista, escritor, filósofo e ativista indígena (link:

[Arte como construção de futuros possíveis – com Christian Dunker e Ailton Krenak](#) ). O vídeo da Mesa 2, chama-se “Como a saúde pode ser acolhida pela arte e pela cultura” e contou com um dos fundadores da Anvisa, médico sanitário e professor Gonzalo Vecina Neto (link:

[Como a saúde pode ser acolhida pela arte e pela cultura – com Christian Dunker e Gonzalo V...](#) ). No último vídeo, Mesa 3, com o título de “As possibilidades de respiro promovidas pela arte”, quem participou foi Dione Carlo, dramaturga, roteirista e atriz. (link:

[As possibilidades de respiro promovidas pela arte – com Christian Dunker e Dione Carlos](#) ).

Com esse “time”, soube que era o que precisava para o projeto dar certo. Cada um com sua bagagem de vida e profissional única, com suas trajetórias, suas opiniões, suas obras, com todo seu conhecimento que estavam dispostos a compartilhar num momento de tanta incerteza e angústia que todos enfrentávamos.

## **Instrumentos**

Através de dados coletados será construída uma tabela de cenas. De acordo com Laville e Dionne (1999, p. 267): “Um relatório de pesquisa compreende tabelas e gráficos, em particular nas partes referentes ao tratamento das informações. As tabelas servem para reunir os dados tratados; os gráficos para destacar visualmente algumas características dos dados”.

## **Procedimentos**

Os métodos de procedimentos (considerados às vezes também em relação às técnicas) são etapas da investigação. Assim, os métodos de procedimento, também chamados de específicos ou discretos, estão relacionados com os procedimentos técnicos a serem seguidos pelo pesquisador dentro de determinada área de conhecimento. “Esses métodos têm por objetivo proporcionar ao investigador os meios técnicos, para garantir a objetividade e a precisão no estudo dos fatos sociais.” (Gil, 2008, p. 15).

O método foi um registro em tabela de recorte de conteúdos observados, após eu assistir diversas vezes o artefato cultural e ir anotando as principais ideias de cada vídeo, fui selecionando cada vez que assistia novamente, as principais cenas, de modo que no final, restaram três cenas e assuntos principais que se destacaram: fala, arte e convívio social. O material coletado foi analisado à luz dos dados apanhados, suscitando esclarecimentos a partir das inter-relações entre as cenas do artefato selecionado e as leituras de autores conhecedores dos temas relevantes. A pesquisa exploratória permitiu, a partir da observação do artefato cultural, a verificação do que interessou ao pesquisador. Esta pode ser equiparada a uma exploração realizada quando há fatos desconhecidos. Seu principal objetivo é refinar as descobertas ou ideias que já estão postas. Apresenta um planejamento flexível, visto que novas hipóteses e descobertas podem ser encontradas ao longo do processo (Dalfovo et al., 2008).

Para que esta forma de pesquisar seja efetiva, é necessário o uso de técnicas para o recolhimento de informações, o qual foi feito através de observações e da utilização de anotações no Google Drive, num documento feito somente para este fim.

Para dar sustentação à presente pesquisa, utilizei referências clássicas de Sigmund Freud, onde pude me ancorar a respeito da problemática, como O mal estar na civilização (1930) e O futuro de uma ilusão (1927). Recorro ao psicanalista italiano Massimo Recalcati no que diz respeito à temática social, à psicanalista carioca Jô Gondar e ao psicanalista húngaro Sándor Ferenczi para discorrer sobre o conceito do desmentido. Também faço uso do conceito de necropolítica do filósofo, teórico e historiador Achille Mbembe, usufruo de palavras e pensamentos do educador e filósofo Paulo Freire e apresento um protocolo terapêutico desenvolvido pelo médico psiquiatra alemão Johann Christian Reil.

### **Referencial de Análise**

Para a composição do presente trabalho, o referencial escolhido foi a análise de conteúdo (Silva e Fossá, 2013). O caminho percorrido pela análise de conteúdo, ao longo da pesquisa, perpassa diversas fontes de dados, como: notícias de jornais, discursos políticos, cartas, anúncios publicitários, relatórios oficiais, entrevistas, vídeos, filmes, fotografias, revistas, relatos autobiográficos, entre outros. É necessário que o pesquisador defina que tipo de abordagem vai usar para identificação das categorias e análise dos materiais. Nessa direção, realizei a análise de conteúdo através de categorias abertas, pois identifiquei as categorias à medida que fui explorando o material de análise. É recomendada para pesquisas exploratórias (Vergara, 2012), quando não existem estudos prévios sobre determinado fenômeno ou quando os dados estão muito dispersos, dificultando a definição de categorias a priori.

## RESULTADOS

Com base no referencial teórico, a fim de responder aos objetivos de pesquisa, utilizou-se como fonte o Seminário Arte como Respiro, promovido pelo banco Itaú através do canal do YouTube do Itaú Cultural, que foi ao ar nos dias 16, 17 e 18 de março de 2021. Após assistido por diversas vezes, foi realizada uma seleção de cenas do artefato e o agrupamento em categorias. Em seguida, foi dividido em três categorias: Fala, Arte e Convívio Social. Essas informações são apresentadas em forma de tabela.

**TABELA 1**

<b>Descrição das cenas</b>	<b>Discurso</b>	<b>Tema relacionado</b>	<b>Categorias de análise</b>
1. Episódio de George Floyd (I can't breathe), 29% do pantanal desaparecendo com queimadas, há fumaça demais e respiração de menos.	Palavra em guarani: nhehe, significa hálito, o respiro, o desbravador da vida. (Ailton Krenak)	Reconhecimento da importância da linguagem. “Cura pela fala”.	Fala.
2. A arte tem um papel convocatório.	A arte é uma ampliação de vozes. maneira de “viajar” juntos. (Dione Carlos)	A arte como inspiração para o indivíduo se constituir como uma força no mundo.	Arte.
3. No vídeo com Dione Carlos, é citada uma pesquisa que mostrou que países com IDH menor estão se saindo melhor (no contexto pandêmico) do que países com IDH maior e atribuem ao poder de resiliência quando estamos em grupo.	Comunidades que tem um laço mais forte, um cuidado mais transversal, que estão acostumados a enfrentar dificuldades estão se saindo melhor. (Dione Carlos)	O individualismo e os desafios da pandemia.	Convívio social.

Fonte elaborada pela autora: Jaqueline Rapachi (2022).

## DISCUSSÃO

### **Categoria 1: Fala**

*“O que é, o que é?*

*Clara e salgada*

*Cabe em um olho*

*E pesa uma tonelada”.*

(Racionais MC's, 2002).

Nessa primeira categoria, acredito ser imprescindível iniciar descrevendo algo que a todos nos toca, que a todos pertence, que vem a ser a fala, a palavra, o que o mestre Ailton Krenak apontou na cena analisada em questão do artefato cultural como: *nhenhe*, palavra em guarani que significa hálito, o respiro, o desbravador da vida. Ailton Krenak é uma das vozes que se apresenta em defesa da mãe Terra, é líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta, escritor brasileiro da etnia indígena crenaque e participante de um dos vídeos do Seminário Arte como Respiro, onde nos faz refletir com suas palavras no início do vídeo do artefato cultural que é mencionado na TABELA 1, na primeira cena descrita:

“Arte como respiro - encontros e desencontros com o respirar. Tivemos o episódio do George Floyd (I can't breathe), 29% do pantanal desaparecendo com queimadas, há fumaça demais e respiração de menos, chegamos no nosso limite onde vimos a falta de respiradores, pessoas nas filas, pulmão do SUS e dos batalhadores da saúde”.

Quando ocorre uma ferida na sociedade, essa ferida acaba sendo um sintoma social. E isso é um momento histórico que se abre na sociedade como uma fenda. Sobre a natureza real dos fatos da língua, ressalta-se que “a língua é um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação”, pois:

Se a fala é o motor das transformações linguísticas, ela não concerne os indivíduos; com efeito, a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem. A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder, etc (Bakhtin, 1930, p. 7).

Nesse sentido, se encontra o valor da palavra, que está em jogo pela democracia. O atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, desde a época em que era deputado federal até os dias atuais, assume uma modalidade discursiva muito peculiar e polêmica. Desse modo, a entrada da psicanálise na política é diretamente proporcional à mutação na política brasileira e da emergência de formas de violência. Isso não é completamente novo, pois Sigmund Freud se volta para a política quando a Áustria é invadida pelos nazistas; Jacques Lacan fala sobre a política em maio de 1968 após a Segunda Guerra Mundial, ou seja, momentos de autoritarismo em que o espaço político se reduz, se comprime, são momentos em que a psicanálise se vê comprimida, obrigada a se manifestar em relação às práticas de saúde, a fazer críticas de certos discursos políticos, a defender a palavra. Dunker em entrevista a Maakaroun (2022) comenta que há uma afinidade entre a psicanálise e outras tantas práticas que estão ameaçadas, que têm a ver com o cuidado da palavra. Todos aqueles que têm por ofício, por dever ou por ética cuidar do debate, cuidar da conversa, seja a conversa cultural, da saúde, da política, conversa social, se sentem ameaçados. Porque é próprio do autoritarismo fazer isso. Por isso, o psicanalista continua afirmando que dentro do universo político, é fundamental demonstrar o compromisso da psicanálise com a democracia, forma de governo definida pelo uso da palavra em espaço público. A democracia seria impossível sem essa confiança na palavra como pacto e revelação, como partilha e reconhecimento do caráter humano das leis. Existe uma afinidade muito grande entre a psicanálise e a democracia, pois ambas são práticas

muito ligadas ao uso da palavra em contexto público, para substituir a violência, como lugar de mediação entre as pessoas e encaminhamento de seus desejos e ideais.

Hur, Sabucedo e Alzate escreveram o artigo *Bolsonaro e Covid-19: Negacionismo, militarismo e neoliberalismo* (2020) e analisaram o discurso do presidente Bolsonaro em relação à pandemia da COVID-19 realizando uma cartografia das reportagens sobre as falas de Bolsonaro publicadas na mídia no período de 26/02/2020 a 20/06/2020. Para a análise do material, os autores agruparam as diversas falas em conjuntos temáticos semânticos, como, por exemplo: falas religiosas, falas militaristas, falas neoliberais, falas anti-mídia, falas anti-esquerda, falas anti-ciência, etc. Utilizando o critério de intensidade, os mesmos elaboraram três categorias gerais acerca das distintas práticas governamentais assumidas pelo poder executivo que englobasse estes diferentes grupos:

1. Discurso negacionista e criação da própria narrativa;
2. Retórica militarista e criação do inimigo;
3. Lógica neoliberal governamental.

Para o presente trabalho, escolhi citar apenas a primeira categoria dos autores, pois é a que mais se encaixa e que faz sentido com o que estou apresentando aqui. Hur, Sabucedo e Alzate (2020) apontam que devido à falta de planejamento, as primeiras falas do presidente durante o início da pandemia foram a de reproduzir a mesma estratégia populista utilizada no período da campanha eleitoral (Hur e Sandoval, 2020), pedindo a união do povo brasileiro e proferindo enunciados de que “nenhum vírus é mais forte que nosso povo”. Bakhtin já nos dizia em 1930 que a palavra serve como “indicador” das mudanças. Visivelmente, a retórica da união e da fusão grupal, não apresentou eficácia política para conter o contágio do vírus e o presidente tratou de mudar de estratégia, buscando negar os efeitos da doença. Logo, passou a diminuir e a negar (Caponi, 2020) os efeitos adversos da COVID-19, acusando ser uma “fantasia” a crise que viria. Qualificou a situação vivida como “histeria” (Reuters, 2020), que o país logo voltaria ao “normal” e que a população necessitava ser informada sem pânico (Agência Brasil, 2020). O presidente afirmou: “O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar,

empregos devem ser mantidos, o sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade” (UOL, 2020). Em sua argumentação, o coronavírus era representado como uma “gripezinha”, um “resfriadinho”, que não poderia interromper as atividades cotidianas. Chegou a compará-lo com uma chuva, na qual todos iriam se molhar, minimizando as possíveis mortes de velhos e pessoas com problemas de saúde: “Destes 70%, uma pequena parte, os idosos e quem tem problemas de saúde, vai ter problemas sérios” (UOL, 2020). Proferiu uma série de falas que se provaram equivocadas, como: o contágio seria menor no Brasil, por ser um país tropical, que atingiria mais a população idosa, que não havia riscos de complicações a pessoas com histórico de atletas, que haveria menos mortes de COVID-19 do que de H1N1, etc (Hur, Sabucedo e Alzate, 2020). Bolsonaro se comunicava assim, naturalizando o absurdo. Para minimizar os efeitos da doença falou sobre uma suposta força e resistência do corpo do brasileiro: “O brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Pula em esgoto, mergulha, e não acontece nada com ele” (Carvalho, 2020). E que é preciso “enfrentar o vírus como homem e não como moleque” (Ferraz, 2020):

Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (Bakhtin, 1930, p. 107)

Constata-se que o presidente assumiu uma postura negacionista dos efeitos da doença, em contraste ao discurso científico, e criou uma versão com suas palavras de ordem. Negou os efeitos da COVID-19, instaurando um conflito de narrativas, que pode ser entendido na disputa entre o diagrama soberano, representado pelo desejo de Bolsonaro, e o diagrama disciplinar (Foucault, 1984), representado pelo discurso científico. Nesse contexto, há um embate entre poder do Estado vs ciência na gestão da vida.

“LTI A Linguagem do Terceiro Reich”, de Victor Klemperer (2009), é uma obra fundamental, pois demonstra a importância dos usos da língua para apreensão de uma cultura histórica, neste caso a

nazista. Como aponta Dunker, em entrevista para Maakaroun (2022) “as palavras comuns passaram a significar outras coisas:

E foram apropriadas por determinado grupo, que olha para o outro não mais tentando disputar a palavra, mas tentando eliminar o oposto. Ou seja, não temos mais adversários, mas inimigos. Isso é o que há de pior no bolsonarismo, a emergência de uma retórica da eliminação. É o que vivemos de forma acintosa no Brasil, o chamado negacionismo. Quando a realidade é dura demais para que eu possa assimilar com os meus esquemas, eu a nego. (...) Portanto, há uma interpretação aberta de que o conflito social vai se resolver pela eliminação de um dos polos. E com isso, o bolsonarismo consegue dar carne linguística e discursiva para um processo infelizmente, muito antigo no Brasil, e que podemos chamar de nossa versão própria da necropolítica, deixar morrer, não dar assistência, permitir desamparo continuado de vulneráveis por muito tempo. O que o bolsonarismo faz é dizer: “Vamos assumir isso explicitamente e acelerar esse processo”. Ele ganha força porque de certa forma é um processo que estava latente no Brasil. Vamos lembrar que não fizemos o nosso ajuste histórico de contas com a ditadura militar, fomos o último país a ter uma comissão da verdade”.

Na tentativa de minimizar os efeitos da COVID-19, o presidente emitiu frases que chocaram o país. Após as 5.000 mortes em abril de 2020, ou seja, pouco mais de um mês em que o vírus estava no Brasil, Jair Bolsonaro falou: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagres.” Vale destacar que os atos de fala do presidente não possuem apenas um caráter semântico, mas sobretudo pragmático. O linguista John Austin (1962) nos diz que a linguagem não assume apenas um caráter representacional do mundo, mas também performativo. O discurso dramatiza, performatiza, cria realidades. Tal aceção também é compartilhada por Deleuze e Guattari (1980) que discutem o caráter ilocutório e pragmático da linguagem, a qual funciona como ‘palavras de ordem’. Nesse sentido, o discurso do presidente não figura apenas como um significante, um símbolo, representação da realidade, mas opera como uma modalidade de produção

dela. Afirma Freud sobre as palavras: “Se as pronunciarmos com devoção diante das massas, imediatamente as expressões faciais se tornam respeitadas e as cabeças se curvam.” (Freud, 1912-1913/2012, p. 75). Há um poder mágico nas palavras, as quais são dissipadas nesse coletivo, como tormentas ou calmaria. Por isso que seus críticos o adjetivam como genocida: pelo fato de ser um protagonista do elevado número de mortos pela COVID-19, índice que poderia ser reduzido se o poder executivo tivesse agido de maneira contrária à qual operou. Nesse sentido, qualifica-se o governo de Bolsonaro como necropolítico, ou seja, como o poder soberano que pratica diretamente as políticas da morte (Mbembe, 2017).

Jô Gondar, em seu artigo Terror, terrorismo e reconhecimento (2016), sugere que o terror é uma das consequências de alguém não ter o seu sofrimento reconhecido. Nas palavras da autora, "a produção do afeto de terror não diz respeito apenas ao sujeito que sofre, mas a todo o seu entorno social" (Gondar, 2016). Para essa autora, o que gera o trauma não é, necessariamente, o evento em si, nem o grau de violência existente na situação, mas sim algo que se dá em um segundo momento, depois da ocorrência do evento: o desmentido, que pode ser entendido como o não reconhecimento ou a não validação da situação de violência sucedida (Gondar, 2012). Ferenczi criou um modelo para explicar o trauma baseado nas relações familiares e situações de abuso que podem acontecer dentro da família. No entanto, é possível aplicar esse modelo a todas as relações, sejam elas de poder, de dependência, de desvalorização ou de desrespeito, como as ações e falas citadas do atual presidente do Brasil durante o período da pandemia estudado. De acordo com Silva e Bleicher (2020) o trauma se configura coletivamente a partir do momento em que uma das partes da relação população vulnerável mais atingida pelas consequências da COVID-19 e presidente da República desacredita e desvaloriza a vivência da outra e trata as mortes, o sofrimento e a angústia como algo que não aconteceu, sem importância. Assim, como coloca Gondar (2012), o que ocorre é um descrédito da percepção própria de sujeito de quem experienciou aquele trauma. Não se desmente o evento, mas sim o sujeito. Nas palavras de Ferenczi (1931/1992): “O pior é realmente o desmentido, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento (...) é isso, sobretudo, o que torna o

traumatismo patogênico”. Entendido como a necessidade vital que possui todo indivíduo de ser visto, ouvido, aprovado e respeitado pelas pessoas que o cercam, o reconhecimento se encontra hoje no cerne das reivindicações políticas contemporâneas, como nos casos das minorias étnicas, dos conflitos culturais e das questões de orientação sexual (Gondar, 2012). Considerar o reconhecimento como o avesso do desmentido implica dizer que efeitos traumáticos podem ocorrer quando alguém não é reconhecido na sua condição de sujeito. De fato, não é possível uma posição neutra a este respeito: ou se reconhece alguém ou se o desmente, sendo a neutralidade uma atitude produtora de desmentidos, e eu, enquanto produzo o presente estudo, não posso me permitir ser neutra diante dessa barbárie.

## **Categoria 2: Arte**

*“A gente não quer só comida*

*A gente quer comida, diversão e arte.*

*A gente não quer só comida,*

*A gente quer saída para qualquer parte.*

*A gente não quer só comida,*

*A gente quer bebida, diversão, balé.*

*A gente não quer só comida,*

*A gente quer a vida como a vida quer.”*

(Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Brito)

A segunda categoria denominada Arte é o coração dessa pesquisa. Digo isso, pois foi através desse tema principal que obtive as primeiras ideias e senti um forte desejo de articular sobre as artes e a cultura num geral durante a pandemia, especificamente durante o período de isolamento social. Ao longo da história da humanidade, existiu um conjunto de desenvolvimentos por meio dos quais a cultura, entendida como um elemento útil para governar, foi moldada como um veículo para o

exercício de novas formas de poder, de acordo com Bennet (em Marziale, 2021), no contexto da emergência dos Estados Nacionais europeus e a busca por sua legitimação. Desse modo, a cultura foi considerada um objeto de governo, como algo que necessitava de transformação e regulação. Algum tempo depois, na última metade do século XIX, tais relações entre cultura e governo passaram a ser institucionalizadas, mediante a ideia de que esses espaços, considerados de alta cultura, deveriam servir ao propósito de “civilizar” a população na sua totalidade. Bennet (em Marziale, 2021) destaca a capacidade atribuída à alta cultura, na época, de transformar as vidas da população, bem como alterar seu comportamento. Sendo assim, não se deve perder de vista como os patrimônios culturais da maioria das nações são criações colonialistas, de modo que os europeus impuseram aos países não-europeus seu método de análise do fenômeno, obrigando os povos desses países a ver sua própria cultura com olhos europeus, segundo Varine (em Marziale, 2021).

A arte mostra-se presente na história da humanidade desde os tempos mais remotos. Sem dúvida, ela pode ser considerada uma necessidade de expressão do ser humano, surgindo como fruto da relação homem/mundo, como apontam as autoras Biesdorf e Wandscheer (2012). A arte é trabalho que precisa ser sentido, mentalizado, projetado e produzido, visando uma necessidade do ser, e nesse trabalho, há valorização do ser, o qual desenvolve uma consciência crítica. A valorização da vida se dá pelo processo de conscientização e pela influência da visão cultural (Ostrower, 1978). É possível reconhecer o mundo em que se vive por intermédio da arte: ela possibilita fazer uma leitura desse mundo. E partindo da própria cultura do indivíduo, ela lhe dá a oportunidade de participar na sua comunidade da cultura local, recorrendo a suas habilidades e participando das transformações locais (Bastos, 2012). Nota-se que neste ponto a arte começa a humanizar o homem, visto que por meio dela é possível antes de tudo conscientizar.

Arte é linguagem. Como propôs Dubuffet (em Bastos, 2012), arte se dirige à mente, fala à inteligência, comunicando saberes pertinentes a um tempo, espaço, grupo social. Arte é, portanto, pensamento e conhecimento. Entendida de uma forma ampla, arte pode ser definida como um fazer tipicamente humano, envolvendo criar objetos de funções utilitárias e estéticas, organizar eventos

de dimensões sociais, simbólicas e/ou místicas (Bastos, 2012). Tendo em vista essas considerações, vale destacar que a arte tem, portanto, um poder humanizador. O escritor André Malraux (1901-1976) diz que a arte é a única coisa que resiste à morte. E se ela resiste à morte, aponta Silva (2021) é por ser produção e promoção de vida, de resistência àquilo que nos leva à morte em vida ou à morte como fim único. Krenak, no artefato cultural escolhido no presente trabalho, utiliza-se de uma metáfora poética para falar a respeito do sentido da arte: “A arte é o acostamento da vida, onde a gente pára, vai mais devagar, descansa, faz consertos, percebe o tamanho da viagem que tem pela frente”. E Gustavo Pereira Marques, mais conhecido como Djonga, rapper, escritor e compositor brasileiro, também nos disse em sua canção denominada Ladrão (2019) que a “Arte é pra incomodar/Causar indigestão”.

Rauter (2000) nos lembra de que precisamos ter sempre em mente, ao falar da arte, o papel que ela e a criação possuem presentemente. Pensar que tipo de arte estamos falando e tratando. Com múltiplas funções em épocas de crise, a arte é fundamental para ajudar a humanidade a atravessar, documentar e transformar a sua história. Em contextos recentes - e sempre que se mostrar preciso - é necessário reafirmar a função social de espaços culturais, pois se observa o agravamento do conservadorismo, a potencialização da intolerância e o radicalismo religioso no país. No campo das artes, exposições e manifestações artísticas que buscam trabalhar questões de gênero e sexualidade ou debater o atual momento político, vêm sendo repudiadas e censuradas com vigor. Em janeiro de 2019, a obra “A Voz do Ralo é a Voz de Deus”, do coletivo És Uma Maluca, presente na mostra Literatura Exposta, na Casa França-Brasil, no Rio de Janeiro, foi censurada pelo diretor da instituição. Na proposta original, “milhares de baratas de plástico se espalham por cima e ao redor de um bueiro instalado sobre azulejos, no piso da instituição. Do mesmo buraco sairia a voz do agora presidente Jair Bolsonaro” (Folha de São Paulo, 2019). “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é tampouco, o processo de transmissão da cultura” (Benjamin, 1994). Para além da relevância histórica de retratar os caminhos e percalços da humanidade, a arte também assume a

função de alimentar a alma e gerar alívio em momentos complicados. Seja por meio da dança, música, cinema, poesia, pinturas, e quaisquer outras manifestações artísticas, é ela quem ajuda a tornar mais leve os períodos mais difíceis, entretendo, distraindo e levando leveza à vida das pessoas. A arte tem o poder transformador de ajudar o ser humano a (re)descobrir o mundo, mudar o olhar sobre ele e abrir espaço a novos caminhos.

Pode-se dizer que a arte é utilizada com finalidades terapêuticas há séculos, contudo, uma estruturação do uso dos recursos artísticos no campo das terapias ocorreu mais recentemente. Na literatura acadêmica, segundo Caterina (em Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010) encontram-se relatos acerca do trabalho desenvolvido pelo médico psiquiatra alemão Johann Christian Reil sobre a interlocução entre Arte e Saúde. Reil foi um contemporâneo de Pinel, que construiu no início do século XIX um protocolo terapêutico almejando a cura psiquiátrica. Este era composto de três estágios: 1) O envolvimento do paciente em atividades realizadas ao ar livre, de trabalho físico; 2) Estímulos sensoriais a partir da utilização de objetos específicos para a proposta e 3) Estímulos relacionados ao campo intelectual, por meio de desenhos, símbolos e elementos com sentidos no campo cognitivo e no campo afetivo. Por meio destes estágios buscava-se que o interesse do indivíduo pelo mundo externo fosse desperto e que houvesse maior ligação entre este e meio que o rodeava. Compreendia-se que a expressão obtida nos desenhos, sons, texto e movimentos se organizavam como uma forma de comunicação dos conteúdos internos, segundo Caterina (em Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010). De acordo com Abbenante et al. (2020) através do processo criativo, os pacientes aumentam a compreensão, gerenciam o stress, trabalham experiências traumáticas, aumentam as competências cognitivas, de memória e neurossensoriais, melhoram as relações interpessoais e conseguem uma maior autorrealização.

Desse modo, é possível afirmar que a arte proporciona às pessoas uma forma de expressar sentimentos que seriam dificilmente apresentados pela fala, como diria a banda Braza (2022): “Quero com respeito vero/Poder sim falar de tudo/E por isso que saúdo/Sentimento que é sincero”.

Cernicchiaro (2020) nos provoca com suas palavras na coluna denominada “COVID-19 e a arte como criação de mundos em comum”:

Não sabemos ainda quais serão as consequências desse isolamento social a que fomos forçados para nos proteger da COVID-19, mas, queiramos ou não, para o bem ou para o mal, o mundo não será mais o mesmo. Fomos obrigados a desacelerar, a reduzir o passo, a consumir menos; e a arte saiu do seu lugar de coisa menor, ganhou posição de serviço de utilidade pública diante do tédio, da solidão, do medo, do trauma. Podemos pensar essa conjunção entre a necessidade do isolamento e a revalorização da arte como uma espécie de linha de fuga de nossa temporalidade acelerada, sufocante, de nosso automatismo vazio, de nossa insensibilidade mercadológica, uma possibilidade de criação de mundos comuns, ali onde os corpos não podem se tocar, não a falsa universalidade do como-um fascista (que reduz a alteridade à mesmidade, o outro ao eu), mas a criação de mundos com-uns, onde os seres se percebem como seres-uns-com-os-outros, singularmente plurais, segundo a bela expressão de Jean-Luc Nancy. Uma abertura ao outro, ao mundo, ao mundo do outro, a outros mundos possíveis.

Que mundos foram estes então? Trarei aqui alguns exemplos da imensa produção artística sobre a COVID-19 e o estado de quarentena em que grande parte da população mundial tivera que fazer, denominada de Arte Covid pelos mentores do Covid Art Museum, um museu virtual criado a partir de Barcelona/Espanha. O trabalho de referência que me guiarei chama-se Artes Visuais Em Tempos De Pandemia (2020), de Wilson Cardoso, Professor de Didática e Prática de Ensino de Artes Visuais e Desenho da Faculdade de Educação/Universidade Federal do Rio de Janeiro (FE/UFRJ). Houve abundância de artistas espalhados pelo mundo atuou intensamente na época para combater a desinformação sobre o vírus; conscientizar para a necessidade de retração social; sensibilizar para a importância de gestos de solidariedade; criar pontes de afeto para unir pessoas mesmo distantes fisicamente; criticar atitudes irresponsáveis, principalmente das autoridades; homenagear categorias profissionais que atuaram na linha de frente do combate à pandemia; denunciar a absurda

desigualdade social que fragiliza e desprotege ainda mais parcelas imensas da população mundial que já eram terrivelmente fragilizadas e desprotegidas pela falta da assistência de governos tomados pela lógica ultraneoliberal que se sobressai pelas várias regiões do planeta.



*Figura 2.* Grafite que mostra o personagem Gollum, da série de livros e filmes 'Senhor dos Anéis', segurando um rolo de papel higiênico e chamando-o de 'Meu precioso' (em alemão). A arte foi feita em uma rua de Berlim, na Alemanha — Foto: Annegret Hilse/Reuters (s/ data).



*Figura 3.* Na fachada de um hospital em Bérghamo/Itália, o adesivo com a frase "A todos vocês... Obrigado!" é vista sobre o desenho de um integrante da equipe médica abraçando o mapa do país. O desenho em agradecimento às equipes médicas italianas que, na época, se mantinham expostas ao coronavírus pelo bem da sociedade ganhou destaque nas redes sociais e foi colocado na parede do Hospital Papa Giovanni XXIII. A autoria é do artista veneziano Franco Rivolli — Foto: Luca Bruno/AP.

Uma recente modalidade de arte urbana é a denominada projeção luminosa. Trata-se de uma intervenção de caráter ainda mais efêmero que as demais, que acontece apenas de noite e, em geral, se articula como movimentos sociais, sendo utilizada como arma de luta e conscientização. No Brasil atual ela foi uma das atrações dos tempos de pandemia. Na cidade de São Paulo, foi criado o *Coletivo Projetemos* logo após o início do isolamento social, por VJs (vídeo jockeys) que são criadores e operadores de atuações visuais. Abaixo, algumas das principais imagens do grupo:



*Figura 4.* Projeção feita por membros do coletivo Projetemos.



Figura 5. Projeção feita por membros do coletivo Projetemos.

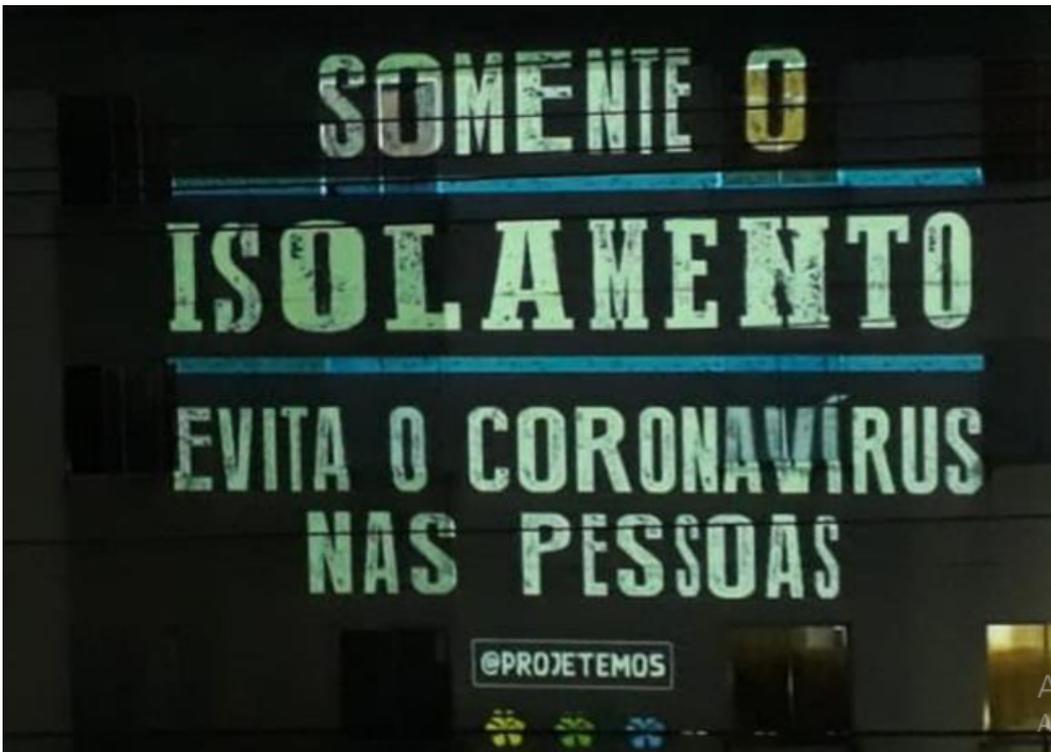


Figura 6. Projeção feita por membros do coletivo Projetemos.

Como podemos perceber, a cultura e a arte têm um enorme potencial de construção de uma visão crítica da realidade e formação de consciência, indo de encontro com a segunda cena escolhida da TABELA 1 do trabalho, que descreve que “A arte tem um papel convocatório”, ou seja, é uma forma de produzir experiências transformadoras e existenciais - processos de criação - que se envolvem na globalização, no ser sensível, pensante e atuante.

Do ponto de vista sociológico, uma pandemia com as dimensões da atual é um dos acontecimentos traumáticos coletivos que são catalisadores de profundas mudanças na humanidade, ao lado de guerras, das revoluções, das grandes recessões econômicas e das crises ambientais em que há um esgotamento de recursos naturais, por exemplo (Barros, Neto e Barros, 2020). Conforme os autores, na perspectiva social, o trauma é fruto de uma vivência catastrófica coletiva que desorganiza os sistemas de significação, base da identidade cultural dos indivíduos. Em tempos de catástrofe, a vida cotidiana e a dignidade dos homens são ameaçadas em proporções nunca pensadas. Pela sua impossibilidade de historicização, o trauma permanece como marca no presente, como algo que não se representa, mas se apresenta. O sociólogo Kai Erikson formulou o termo trauma social em 1976. Em seus estudos com comunidades traumatizadas, o autor chegou à conclusão de que o trauma coletivo é:

Um golpe nos tecidos básicos da vida social que destrói os vínculos que ligam mutuamente as pessoas e que causa um prejuízo no sentido existente de comunidade (...) O eu continua existindo, ainda que tenha sofrido dano e mesmo mudanças permanentes; o tu continua existindo, ainda que distante, e pode ser difícil se relacionar com ele; mas o nós deixa de existir (Erikson, em Gondar, 2012, p. 196).

Esse tipo de trauma consegue destruir a confiança básica, seja essa perda de confiança em si próprio, na família, na comunidade ou mesmo nas estruturas do governo humano. Nesse sentido, Erikson trouxe a hipótese de que as situações traumáticas que desmantelam vínculos são causadas por outros seres humanos, que não reconhecem seus erros, produzindo nas vítimas um sentimento de aniquilamento, gerando o que Ferenczi já havia explicado: o desmentido (Gondar, 2012).

Sei (2009) aponta que as pessoas traumatizadas conseguem comunicar suas histórias, medos, falta de esperanças, desamparo através de recursos terapêuticos, pois revisitam o trauma e re-experenciam os sentimentos originais que essas pessoas tanto evitam lembrar, uma vez que é necessário, para dar expressão aos sentimentos, ganhar controle sobre sua vitimização, se fortalecer. A expressão artística é apresentada como uma função psíquica nativa do ser humano, sendo que esta desempenha um papel estruturante na vida das pessoas. A produção de arte cria autoestima, incentiva a descoberta, fomenta as potencialidades e otimiza a vida, pontos que por si já teriam grande efeito terapêutico (Bilbão e Cury, 2006). Dessa forma, “Quero poesia que preencha o meu peito/Pra me provocar, pra entender o meu defeito/Uma poesia pra fortalecer a meta/Aquilo que te faça acelerar a bicicleta” (Braza, 2017) as belas artes conseguem ressignificar o traumático, devolvendo a possibilidade de desejo de vida do sujeito.

### **Categoria 3: Convívio Social**

*“Eu preciso*

*Você também*

*Todo mundo*

*Precisa de alguém”*

(Fresno, 2010).

Hoje vivemos mais. No entanto, aparentemente vivemos sozinhos mesmo em um mar de relacionamentos interpessoais. O sentimento de desamparo, que nos acompanha desde o nascimento, se atualiza no contexto da pandemia do coronavírus, se apresentando como a sensação de impotência diante do vírus e também diante do caos político-social que o Brasil viveu. A frustração do contato imposta pelo confinamento reavivou a angústia de repetir a experiência infantil, banal para a criança, de uma presença amada cujo interesse, mobilizado por um outro lugar que ela ignora, a abandonou (Mijolla-Mellor, 2020). Freud (1920) nos diz:

Na vida psíquica do indivíduo considerado isoladamente, o outro intervém regularmente como modelo, objeto, apoio e adversário [...] As relações do indivíduo com pais e irmãos, com o objeto de seu amor, com seu professor e com seu médico, todas as relações, portanto, que foram até agora objeto privilegiado da investigação psicanalítica podem reivindicar que sejam tratadas como fenômenos sociais. (p. 10)

E, acrescenta, o homem sempre é “membro de uma linhagem, de um povo, de uma casta, de uma instituição”. Hannah Arendt (1995) nos auxilia nessa reflexão quando aponta que “A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência”. Nesta direção Paulo Freire reforça tal ideia:

Gosto de ser gente porque, inacabado sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção da minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente. (1997, p.52)

Norbert Elias (1994), ao analisar como os seres se ligam mutuamente em uma sociedade, evidencia que as relações se formam a partir de uma direção de mão dupla. O indivíduo é transformado pela sociedade, mas também a transforma, portanto, nem o indivíduo e nem a sociedade existem um sem o outro. O sociólogo George Simmel (em Borin, 2021) nos diz que a sociabilidade é uma condição inerente e gerada pelas formas sociais, resultantes de múltiplas combinações interacionais acionadas pelos propósitos, impulsos e desejos dos indivíduos que se formam em uma dada sociedade. Em outra direção, Sennett (em Borin, 2021) aponta que a “cooperação azeita a máquina de concretização das coisas, e a partilha consegue compensar aquilo que acaso nos falte individualmente”. A cooperação é uma arte e as bases para a hábil cooperação estão em aprender, ouvir bem e avaliar, em vez de duelar verbalmente.

Nesse sentido, Dione Carlos, sendo uma dramaturga, roteirista, atriz e curadora, cita no vídeo do artefato cultural uma pesquisa onde mostra que países com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) menor se saíram melhor (no contexto pandêmico) do que países com IDH maior e atribuem tal fato ao poder de resiliência quando estamos em grupo. Ou seja, comunidades que tem um laço mais forte, um cuidado mais transversal, que estão acostumados a enfrentar dificuldades, lidaram melhor com algumas questões relacionadas à pandemia. Vergara (2008) menciona exemplos de grupos e sociedades, que na história da humanidade responderam de forma coletiva para a superação de adversidades, desenvolvendo resiliência comunitária, como o Japão, após a Segunda Guerra Mundial; o povo judeu, nos campos de concentração nazista; e os povos da América Central e do Sul. Todos eles desenvolveram resiliência para manterem-se vivos e se desenvolvendo com o apoio de outras pessoas e instituições, elementos que comprovam a necessidade de relações significativas e, quando possível, tecidas em rede. Juliano e Yunes (2014) indicam que construir e consolidar redes são processos ligados à convivência e que conviver com outros seres humanos significa interagir de forma recíproca a partir de trocas, principalmente afetivas, que possibilitam o desenvolvimento na diversidade de papéis, alteração e equilíbrio de poder, conjunção de olhares, contato físico, respeito mútuo.

A pandemia gerou uma situação nova obrigando as pessoas a mudarem seus hábitos. Quem, direta ou indiretamente, não teve sua vida afetada pelas medidas de combate à COVID-19 que exigiam distanciamento ou isolamento social? Dessa maneira, o termo isolamento social, assim como quarentena ou distanciamento, tornaram-se comuns no dia-dia dos brasileiros e pessoas de todo o mundo. Neste contexto verificam-se diversas consequências. Costa (2022) observa que dentre elas, algumas pessoas foram despertadas acerca de questões existenciais e convocadas a repensarem seu estilo de vida e a qualidade de suas relações. Dentre as questões que emergiram nesse tempo nota-se então que a pandemia se tornou uma oportunidade de redescoberta do valor dos relacionamentos. Isso se dá pelo fato do isolamento social ter reconfigurado as formas de relacionamento, fazendo as pessoas sentirem falta de coisas simples antes não valorizadas. Embora haja uma variedade e

infinidade de textos, publicações e pesquisas sendo feitas hoje dedicados a refletir sobre algum aspecto revelatório da pandemia, como a necessidade de um Estado de bem-estar social, a importância da luta contra a desigualdade, a urgência de pararmos ou diminuir o consumo de carne, dentre outros, o fato principal revelado por ela é como a vida em sociedade nos é necessária ao nível psíquico, é o que traz Buriel (2020) no livro de ensaios filosóficos “Reflexões de uma Pandemia”. Parece óbvio, mas não é, pois, até pouco estávamos administrando o nosso tempo para harmonizar as nossas buscas individuais com a necessidade aparentemente socialmente imposta de encontrarmos pessoas.

Como se o social não fosse uma necessidade profundamente nossa. Como se as pessoas funcionassem como decoração de uma paisagem espelhada onde o que vemos apenas são reflexos repetidos de quem somos: eu, eu e eu. Como se o outro fosse um obstáculo, e não a condição de possibilidade de realização. Como se fôssemos mesmo muito bons e muito fodas para não precisarmos de ninguém. Aliás, não é por acaso que o livro *Seja Foda!*, de Caio Carneiro, é um bestseller. (Buriel, 2020, p. 32)

O teólogo João Décio Passos reflete sobre o que a crise da pandemia revela, a falácia da ilusão individualista do sistema capitalista que nos “exigiu olhar para fora, para o outro e para dentro da própria vida, sempre frágil” (Passos, 2020, p. 91) Nessa ótica o mesmo autor é realista ao afirmar que a “pandemia não trará, certamente, uma mudança estrutural no regime capitalista global e nem mesmo mudanças na cultura consumista” (Passos, 2020, p. 93). Em contrapartida, não deixa ser relevante que:

A pandemia cumpriu um papel político-pedagógico inédito e deixou seus recados a quem quiser ouvir: o individualismo produz como resultado a destruição final de tudo; todos precisam de todos para avançar para um futuro viável (Passos, 2020, p. 94).

É pertinente ainda apresentar o pensamento do psicanalista Massimo Recalcati em seu texto *A nova fraternidade* (2020). Segundo ele, “o coronavírus nos ensina o valor da solidariedade, expondo-nos à impotência inerme da nossa existência individual” (Recalcati, 2020). Interessante é perceber que

“o paradoxo é que esse ensinamento (do valor da solidariedade) se dá precisamente através do ato necessário de nossa retirada do mundo e dos relacionamentos, de nosso trancar-se em casa” (Recalcati, 2020). Percebe-se que o desenvolvimento desse pensamento é construído a partir da comparação de outra tragédia histórica que foi o nazismo:

Se os nazistas nos ensinaram a ser livres subtraindo-nos a nossa liberdade e nos obrigando a reconquistá-la, o vírus nos ensina que a liberdade não pode ser vivida sem o senso da solidariedade e que a liberdade separada da solidariedade é puro arbítrio. Paradoxalmente, ensina isso nos prendendo nas nossas casas, forçando-nos a nos barricar, a não nos tocar, a nos isolar, nos confinando em espaços fechados. Dessa maneira, nos obriga a derrubar nossa ideia superficial de liberdade, mostrando-nos que não é uma propriedade do Ego, não exclui o vínculo, mas o supõe. A liberdade não é uma manifestação do poder do Ego, não é libertação do Outro, mas está sempre inscrita em um vínculo (Recalcati, 2020)

Para Gesché a alteridade é fator constituinte da identidade humana, o que significa que pensar na redescoberta do valor das relações nos situa no importante debate da busca de entendimento e construção do ser humano. É por isso que o autor não hesita em afirmar que “não há vergonha alguma em ter necessidade e desejo do outro, para sentir-se confirmado. O ser humano não foi feito para a solidão” (Gesché, 2003). Krenak (2020) no webinar Conversas sobre Perguntas: As Potências dos Afetos comenta com toda sua sabedoria e conhecimento, a respeito dos laços afetivos:

“A possibilidade de mudança está no “campo de desejo” baseado na cooperação. Projetar o futuro significa abandonar as armas e acreditar que os afetos são a munição mais potente. O modo de estar no mundo é resultado de conhecimento, e não de algo místico. Por isso, os seres humanos precisam saber de si, além de se voltar ao essencial: sua casa – a Terra –, as questões do indivíduo e o bem comum. Eis a mensagem de alerta à humanidade, para que ela se aproxime da natureza, e, então, crie um mundo viável para as próximas gerações”.

Criolo também diz algo parecido na canção Ainda Há Tempo (2016): “E aliás, cá pra nós, até o mais desandado/ Dá um tempo na função quando percebe que é amado”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Não se produz só na fábrica, não se cria só na arte, não se resiste só na política”.*

*(Pélbart, 2003).*

Esta pesquisa se propôs, como objetivo geral, discutir sobre a importância da arte para a saúde mental dos brasileiros durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. No decorrer do estudo e da construção do conhecimento, me deparei com a complexidade do tema, principalmente devido ao atual contexto da sociedade brasileira pós-pandemia. Em nosso país, houve a constituição de uma espécie de necropolítica neoliberal, que resultou de um agenciamento de um poder soberano com uma estratégia neoliberal radical. O governo Bolsonaro utilizou um discurso negacionista da gravidade da doença desde que a OMS declarou que estávamos iniciando uma pandemia e renunciou qualquer cuidado de prevenção para a população. Durante a pesquisa, foi possível observar diversos autores apontando em seus estudos que a gestão do governo Bolsonaro durante esse período inicial da pandemia caracteriza-se por uma gestão necropolítica e negacionista, principalmente. O atual presidente desestimulou medidas de controle e prevenção da COVID-19, defendeu remédios que não funcionam e recusou ofertas de laboratórios que permitiriam a vacinação em massa. “Maricas”, “mimimi”, “frescura” foram algumas das declarações de Bolsonaro a respeito da COVID-19 que sintetizam um projeto em que parte da população é vista como descartável, portanto, sua morte é naturalizada. Essa é uma forma de necropolítica: utilizar a morte a seu favor, se desresponsabilizando disso. Durante as análises e estudos, é evidente que os atos de fala do presidente não possuem apenas um caráter semântico, mas sobretudo de ordem prática, ou seja, o discurso do presidente não figura apenas como um significante, um símbolo ou representação da realidade, mas opera como uma modalidade de produção dela, sobretudo quando o presidente da república nega o fato acontecido, contribuindo para gerar um trauma coletivo, bem como o fenômeno chamado o desmentido. O trauma pode lançar o sujeito em uma situação de

profundo desamparo diante de seu horror, mas a imaginação deve vir a serviço do simbólico para que o sujeito não fique completamente entregue ao real do trauma e possa tecer uma narrativa que recubra esse buraco.

A psicanálise, desde sua fundação, não se esquivou das questões éticas e políticas de seu contexto, assumindo uma posição de escuta e reflexão sobre as vicissitudes das pulsões na cultura. A experiência psicanalítica é uma experiência da palavra e a clínica analítica foi criada pelo acionamento do dispositivo de liberação da fala pela via da regra fundamental, que prescreve que o analisando fale tudo o que lhe vier à cabeça, sem qualquer restrição e censura: “É por ter podido dizer aquilo que jamais havia conseguido enunciar que a histérica se cura” (Chemama, 1995, p. 197). A análise também oportunizou aprofundamento no campo das artes, da cultura, da sociedade e do trauma pandêmico. Faz-se arte porque há coisas que não se traduzem em palavras. A arte, portanto, possui diversos significados, diversos papéis para a sociedade em geral e para o indivíduo particular. Arte é linguagem, pensamento, conhecimento e como foi posto na pesquisa, a arte é a única coisa que resiste à morte, por ser produção e promoção de vida. Durante a pandemia e o isolamento social, quem o pode fazer e tinha acesso, principalmente, à internet, pode constatar a importância das artes como uma espécie de refúgio daquele caos pandêmico. Seja por livros e leituras diversas, filmes, séries, documentários, músicas, peças de teatro online, desenhos, pinturas, escritos, dentre outros, quando o ser humano parou e se isolou, ele criou, usufruiu, aproveitou, pensou, refletiu, ouviu, se calou. E pôde enfim se perceber. A arte também faz isso conosco. Nós percebemos que existimos com seu auxílio. As belas artes nos fazem perceber-nos, questionar-nos, discutir-nos, argumentando com o exterior mas também com nós mesmos. Por isso, posso afirmar que durante a pesquisa tive êxito em encontrar resultados que mostraram o papel da arte, principalmente no que diz respeito à questão do autoconhecimento do indivíduo. “Conhece-te a ti mesmo”, como Sócrates nos deixou o recado. Na pesquisa e na minha própria vivência na época do isolamento, pode-se notar uma abundância de artistas espalhados pelo mundo que atuaram para combater a desinformação sobre o vírus, dentre outras ações coletivas. Através de suas denúncias, a

arte e a cultura têm um enorme potencial de construção de uma visão crítica da realidade e formação de consciência. Dessa forma, foi possível compreender o papel da arte e da cultura para o bem-estar das pessoas no contexto de isolamento social no Brasil.

Dor e desamparo são velhos conhecidos nossos: é com eles que chegamos ao mundo e, para fugir deles, vamos amarrando laços, vivências e parcerias que nos permitam sobreviver e, com êxito, desfrutar imensamente das companhias. É um curioso paradoxo este que nos inaugura como sujeitos: pensamos vir ao mundo individualmente, ilhados em nossa singularidade, mas é só diante do outro que conseguimos ser alguém e viver. O individual não para de pé sem o social. Ao transcorrer a pesquisa sobre laços sociais e a importância dos mesmos, pode-se afirmar que a pandemia, portanto, se tornou uma oportunidade de redescoberta do valor dos relacionamentos. O enfrentamento à COVID-19 permitiu organizar muitas formas de solidariedade de classe, trouxe criatividade para superar o medo e o isolamento, mostrou a arte e a cultura como esse lugar necessário de respiro e de encontro, mesmo que virtual, e que precisam ser valorizadas e colocadas como dimensões estratégicas nessa reconstrução. O que ficará de tudo isso pós-pandemia? Não se trata mais de uma escolha, mas sim de uma necessidade, sob o risco de deixarmos de existir. Tal é a mensagem pessimista de Freud que se exprime em alto nas últimas linhas de “Mal-estar na civilização” (1930):

“Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminar uns aos outros, até o último homem. Sabem bem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade” (p.147).

Mas aqui, eu vou pelo outro caminho. Como disse no início desse trabalho, dentre as razões que me motivaram a escrever sobre esse tema, uma delas foi a de que eu não poderia cometer o crime do silêncio e não discorrer a respeito do que me atravessou enquanto ser humano de forma inédita: o isolamento social devido à pandemia. E dentro dessa temática, eu escolhi contribuir para com a comunidade acadêmica quanto às potencialidades de vida do ser humano ou a pulsão de vida, ou

ainda, Eros. No meio da necropolítica do governo Bolsonaro, do seu trauma coletivo com seu desmentido, temos a pulsão de morte também ou Thanatos. Mas, novamente, eu não escolhi focar nesta última. Especialmente, porque ao meu redor há muita gente forte, não de músculos, mas daquela força invisível, a tal resiliência. Sem dúvidas, sozinha eu não consigo muita coisa ou quase nada. Hannah Arendt (1993) nos diz:

“Assim como comer não é a vida mas a condição para viver, viver em conjunto na polis não é a boa vida, mas a sua condição material. Desse modo, Aristóteles vê a amizade essencialmente do ponto de vista do cidadão individual, e não do cidadão da polis: a justificativa suprema da amizade é que “ninguém escolheria viver sem amigos, mesmo que possuísse todos os outros bens” (p. 99).

Tendo em vista tudo que foi abordado nesta escrita, fica evidente que a sociedade está passando por um momento de duro trabalho psíquico para conseguir absorver todas as mudanças e perdas causadas pelo surgimento do coronavírus. Essa crise, para a qual não podemos ainda vislumbrar um fim no horizonte, deixará marcas significativas na história de cada um de nós. Me sinto provocada a finalizar com o trecho da canção Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores (1979) de Geraldo Vandré: “Caminhando e cantando e seguindo a canção/Somos todos iguais, braços dados ou não”.

## REFERÊNCIAS

- Abbenante, S., Calore, T., Pereira, V., Lorio, R., C., Olivieri, S., Pedone, A. e Garcia, I. R. (2020) Investigação Sobre Arteterapia. Práticas e metodologias de arteterapia utilizadas no tratamento das vítimas de abuso e violência. <https://www.deepacts.eu/wp-content/uploads/2021/03/D31-ArtTh-PT.pdf>
- Agência Brasil. (2020). Coronavírus: país precisa ser informado sem pânico, diz Bolsonaro. [Covid-19: país precisa ser informado sem pânico, diz Bolsonaro | Agência Brasil](#)
- Antonio, S. L. (2021). Arteterapia como ferramenta de transformação social para enfrentar contextos disruptivos: resgate simbólico e reconstrução comunitária. *Crise multifacetada: desafios e modos de enfrentamento*. 75-94. São Carlos: UFSCar/CPOI. Disponível em: [Crise Multifacetada desafios e modos de enfrentamento](#)
- Arendt, H. (1993) A dignidade da política: ensaios e conferências. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará.
- Bakhtin, M. (Volochinov). (2006) *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. (12ª edição, Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira) São Paulo: Hucitec. (Trabalho original publicado em 1979).
- Barros, E. M. R., Neto, A. M. R. B. e Barros, E. L. R. (2020). O potencial traumático da pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 54(2). 45-57. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v54n2/v54n2a04.pdf>
- Bastos, F. M. C. (2012). Celebrando autorias: arte, comunidade e cotidiano em arte-educação. *Visualidades*, 3(1). <https://doi.org/10.5216/vis.v3i1.17932>
- Bauman, Z. (1998) *O mal-estar da pós-modernidade*. (Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BBC Brasil. (2021). Coronavírus: como o mundo pode se curar do 'trauma coletivo' da pandemia de covid-19. Disponível em: [Coronavírus: como o mundo pode se curar do 'trauma coletivo' da pandemia de covid-19 - BBC News Brasil](#)

Bernardes, V. T. (2019). Criatividade e Sofrimento: sobre as possibilidades dos processos de criação frente ao sofrer. *COMFILOTEC*, 10(5), 1-18. Disponível em: [Criatividade e Sofrimento: sobre as possibilidades dos processos de criação frente o sofrer Taís Viana Bernardes Orien](#)

Biesdorf, R. K., Wandscheer, M. F. (2012). Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. *Itinerarius Reflectionis*, 7(1). [ARTE, UMA NECESSIDADE HUMANA: FUNÇÃO SOCIAL E EDUCATIVA. | Itinerarius Reflectionis](#)

Bilbao, G. G. L., e Cury, V. E. (2006). O artista e sua arte: um estudo fenomenológico. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 16(33), 91–100. <https://doi.org/10.1590/s0103-863x2006000100012>

Borin, M. E. S. (2021). “Sujeito em Construção.” *Ponto-e-Vírgula*, 29, (97–110). <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2021i29p97-110>

Buril, B. (2020) . A pandemia e o individualismo que nunca existiu. In E. Reich, M. L. Borges e R. C. Xavier. (Eds). *Reflexões sobre uma pandemia*. [Reflexões sobre uma pandemia](#)

Calabre, L. (2020). A arte e a cultura em tempos de pandemia: os vários vírus que nos assolam. *Extraprensa*. 13(2). 7-21. [A arte e a cultura em tempos de pandemia | Revista Extraprensa](#)

Calil, G. G. (2021). A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. *Serviço Social & Sociedade*. 140. 30-47. Disponível em: [A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista](#)

Cancian, N. e Machado, R. (2020) Militares já ocupam 21 cargos na Saúde, em postos de direção e até em áreas especializadas. Folha de São Paulo. Disponível em: [Militares já ocupam 21 cargos na Saúde, em postos de direção e até em áreas especializadas - 22/05/2020 - Cotidiano - Folha](#)

Caponi, S. (2020). Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. *Estudos Avançados*, 34 (99), 209-224. [Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal](#)

Cardoso, W. (2020). Artes Visuais Em Tempos De Pandemia. [ARTES VISUAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA Nesse período de quarentena venho acompanhando a participação de artistas e de diferentes](#)

Carvalho, D. (2020). Bolsonaro debocha da situação de milhares de brasileiros sem saneamento. UOL. ["Bolsonaro debocha da situação de milhares de brasileiros" sem saneamento - 28/03/2020 - UOLECOA](#)

Central Unica dos Trabalhadores. (2021). Aumento de casos de doença mental no país é culpa de pandemia e do governo Bolsonaro. Disponível em: [Aumento de casos de doença mental no país é culpa de pandemia e do governo Bolsonaro - CUT - Central Única dos Trabalhadores](#)

Centro De Estudos E Pesquisas Em Emergências E Desastres Em Saúde (CEPEDES); Fundação Oswaldo Cruz. Saúde mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19: Recomendações gerais. Brasília, 2020. Disponível em: [Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19 – recomendações gerais](#)

Cernicchiaro, A. C. (2020). Covid-19 E A Arte Como Criação De Mundos Em Comum. Notisul. [COVID-19 E A ARTE COMO CRIAÇÃO DE MUNDOS EM COMUM - Notisul](#)

Chemama, R. (1995). *Dicionário de psicanálise*. (F. FrankeSettineri. Trad.) Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul.

Conselho Nacional de Saúde. (2020). Em resposta ao descaso do governo, organizações lançam Plano Nacional de Enfrentamento à Covid-19. Disponível em: [PLANO NACIONAL DE ENFRENTAMENTO À PANDEMIA DA COVID-19](#)

Costa, W. H. (2022). Pandemia E A Redescoberta Do Valor Das Relações À Luz Da Categoria De Alteridade De Adolphe Gesché. *Revista Contemplação*. 26(242-253). Recuperado de [PANDEMIA E A REDESCOBERTA DO VALOR DAS RELAÇÕES À LUZ DA CATEGORIA DE ALTERIDADE DE ADOLPHE GESCHÉ | Revista Contemplação](#)

Cultural, Itaú. (2022). Arte e sanidade: Seminário arte como respiro debate um ano de pandemia. *Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural. Disponível em: [Arte e sanidade: Seminário arte como respiro debate um ano de pandemia | Itaú Cultural](#)

- Dalfovo, M. S., Lana, R. A., e Silveira, A. (2008). Métodos Quantitativos E Qualitativos: Um Resgate Teórico. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 2(3), 1–13. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/rica/article/view/17591/11376>
- Demo, P. (2000) Pesquisa: Princípios científicos e educativos. 7. São Paulo: Cortez.
- Deleuze G. e Guattari F. (1980). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, 2 (34).
- Duczmal, L. H., Almeida A. C. L., Duczmal, D. B., Alves, C. R. L., Magalhães, F. C. O., Lima, M. S. L., Silva, I. R., e Takahashi, R. H. C. (2020). Vertical social distancing policy is ineffective to contain the Covid-19 pandemic. *Cadernos de Saúde Pública*, 36 (5). <https://doi.org/10.1590/0102-311X00084420>
- Elias, Norbert. (1994). A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Zahar.
- Enriquez, E. Psicanálise e ciências sociais. (2005) *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. 8(2). 153-174. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982005000200001>>.
- Ferraz, A. (2020). Bolsonaro diz que é preciso ‘enfrentar vírus como homem e não como moleque’. Estadão. [Bolsonaro diz que é preciso 'enfrentar vírus como homem e não como moleque'](#)
- Ferreira, J. R. S.; Lima, P. R. S. e Souza, E. D. (2021) Desinformação, infodemia e caos social: impactos negativos das fake news no cenário da covid-19. *Em Questão*, 27(1), 30-53. DOI: [10.19132/1808-5245271.30-53](https://doi.org/10.19132/1808-5245271.30-53)
- Fontelles, M. J., Marilda, G. S., Farias S. H., Fontelles, R. G. S.. (2009). Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. Disponível em: [metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa1](#)
- Folha, S. P. (2019). Secretaria de Cultura do Rio manda fechar exposição na Casa França-Brasil. <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/01/witzel-ordena-fechamento-de-exposicao-na-casa-franca-brasil.shtml>
- Freire, P. (1997). Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Paz E Terra.

Freud, S. (2010). *Obras completas - O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. (18, Paulo César de Souza. Trad.) São Paulo: Companhia das Letras. Trabalho original publicado em 1930.

Gil, A. A. C. (2008) *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6. ed.). São Paulo: Atlas.

Gil, A. A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4ª ed.). Éditour: São Paulo: Atlas.

Gondar, J. (2012). Ferenczi como pensador político. *Cadernos de Psicanálise*, 34(27), 193-210.

Disponível em:

[www.cprj.com.br/imagenscadernos/caderno27\\_pdf/16-CADERNOS\\_DE\\_PSICANALISE\\_27\\_2012\\_Ferenczi\\_como\\_pensador\\_politico.pdf](http://www.cprj.com.br/imagenscadernos/caderno27_pdf/16-CADERNOS_DE_PSICANALISE_27_2012_Ferenczi_como_pensador_politico.pdf)

Gondar, J. (2016). Terror, terrorismo e reconhecimento. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 38(35), 129-141. Disponível em: [Terror, terrorismo e reconhecimento](#).

Hur, D. U. (2021). Discursos sobre a retórica governamental de Bolsonaro: louco, genocida, necroliberal ou cortina de fumaça? *Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia*, 0(61), 190-210. Recuperado de [Discursos sobre a retórica governamental de Bolsonaro: louco, genocida, necroliberal ou cortina de fumaça? | Uhng Hur | Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia](#)

Hur, D. U., Sabucedo, J. M., e Alzate, M. (2021). Bolsonaro e Covid-19: negacionismo, militarismo e neoliberalismo. *Revista Psicologia Política*, 21(51), 550-569. Disponível em: [Bolsonaro e Covid-19: negacionismo, militarismo e neoliberalismo](#)

Hur, D. U. e Sandoval, S. (2020). Psicologia Política da polarização e extremismos no Brasil: neoliberalismo, crise e neofascismos. In D. Hur & J. M. Sabucedo (Orgs.), *Psicologia dos extremismos políticos*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Juliano, M. C. C. e Yunes, M. A. M. (2014). Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Ambiente & Sociedade*, 17(3),135-154. Disponível em: [Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência](#)

- Lara, A. M. B., Molina, A. A. (2015). Pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. Disponível em: [capítulo 5 pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias](#)
- Laville, C. e Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. (Trad. Heloisa Monteiro e Francisco Settineri). Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMQ, 1999.
- Lima, R C. (2020). Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. 30(02). Disponível em: [Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental](#)
- Maakaroun, B. (2022). Christian Dunker: 'O bolsonarismo introduz um estado permanente de guerra'. Estado de Minas. Disponível em: [Christian Dunker: 'O bolsonarismo introduz um estado permanente de guerra' - Pensar](#)
- Marcelino, P., Gallina, F., & Silva, A. (2022). Educação ético-estética em tempos de pandemia: conexões entre Arteterapia e bem-estar humano. *Revista Espaço Pedagógico*, 28(2), 704-726. <https://doi.org/10.5335/rep.v28i2.12453>
- Martins, G.A., P., R. L. (2001) Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos. São Paulo: Atlas.
- Marziale, N. P. (2021). A importância da reafirmação da função social dos museus. *O Público E O Privado*, 19(38 jan/abr). Disponível em: [A importância da reafirmação da função social dos museus | O Público e o Privado](#)
- Mbembe, A. (2017). Necropolítica. *Arte & Ensaios*, 2(32), 122 - 151. Recuperado de [Necropolítica | Mbembe | Arte & Ensaios](#)
- Medina M. G, Giovanella L, Bousquat A, Aquino R. Negacionismo, desdém e mortes: notas sobre a atuação criminosa do governo federal brasileiro no enfrentamento da Covid-19. (2020) *Saúde em Debate*. 44(126), 895-901. Disponível em: [Negacionismo, desdém e mortes: notas sobre a atuação criminosa do governo federal brasileiro no enfrentamento da Covid-19](#)
- Mijolla-Mellor, S. (2020). O medo e o tédio no confinamento. *Caderno de Psicanálise*. 42(42). 117-134. Disponível em: [http://www.cprj.com.br/ojs\\_cprj/index.php/cprj/article/view/207/159](http://www.cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/207/159)

- Neto, E. B. (2020). Trauma e Arte: Do Vazio à Elaboração de Sentido. *Revista Subjetividades*. 20(2). DOI: [Trauma e Arte: Do Vazio à Elaboração de Sentido](#)
- Ostrower, F. (1978). Criatividade e processos de criação. *Vozes*.
- Passos, J. D. (2020). A pandemia na encíclica fratelli tutti: irmãos no planeta em crise. *Ciberteologia. Revista de Teologia & Cultura*. São Paulo. 64. 89-96.
- Rauter, C. (2000) Oficinas para quê? Uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas. *Ensaio: Subjetividade, saúde mental, sociedade*. Rio de Janeiro. Fiocruz. 267-278.
- Recalcati, M. (2020) A nova fraternidade. *Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo. Disponível em: [A nova fraternidade. Artigo de Massimo Recalcati - Instituto Humanitas Unisinos - IHU](#)
- Rede, A. (2020). A história da arte e as pandemias. Disponível em: [A História da Arte e as Pandemias - Blog da ArtSoul](#)
- Reuters (2020). Bolsonaro volta a falar em histeria e diz que medidas contra coronavírus afetam a economia. Reuters. [Bolsonaro volta a falar em histeria e diz que medidas contra coronavírus afetam economia - 17/03/2020](#)
- Revista Eletrônica de Jornalismo Científico Com Ciência. (2020). Disponível em: [A arte pode melhorar estados emocionais em períodos de isolamento social -](#)
- Sanar Saúde. (2020). Linha do tempo do Coronavírus no Brasil. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>
- Santos, F., Kiperstok, A., Santos, A. F., Ramacciotti, D. E. L., Souza O. A., Correia R. L. D. J., Andrade, R. B. D., et al. (2021) Impacto das decisões das autoridades públicas na vida e na morte da população: COVID-19 no Brasil. DOI: <https://doi.org/10.1590/scielopreprints.2590>
- Silva, J. F. e Bleicher T. (2020). Trauma na epidemia brasileira de covid-19: contribuições a partir de Lacan, Ferenczi e Kai Erikson. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(3), 95-106. Disponível em: [Trauma na epidemia brasileira de covid-19: contribuições a partir de Lacan, Ferenczi e Kai Erikson.](#)

Silva, D. M. (2021). A arte como ato de criação e modo de resistência: os possíveis caminhos na psicologia. *Revista Lampejo*. 10(1), 343-361. Disponível em: [A ARTE COMO ATO DE CRIAÇÃO E MODO DE RESISTÊNCIA: OS POSSÍVEIS CAMINHOS NA PSICOLOGIA](#)

Silva, A. H. e Fossá, M. I. T. (2013). Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ129.pdf>

Simanke, R. T. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientiae Studia*. 7(2). 221-235. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200004>

Sousa, C. R. de M. (2021). A pandemia da COVID-19 e a necropolítica à brasileira. *Revista De Direito*, 13(01), 01–27. <https://doi.org/10.32361/2021130111391>

Souza, G. T. C. (2020). Lições da pandemia: questões para reorganização da sociedade. *Holos*. 36(5), 1-9. Disponível em: [10.15628/holos.2020.10867](https://doi.org/10.15628/holos.2020.10867)

Sparano, M. C. de T. (2020). A psicanálise e a angústia da pandemia - a linguagem - o sintoma - a repetição. *Voluntas: Revista Internacional De Filosofia*, 11, 52. <https://doi.org/10.5902/2179378647974>

Susin, L. M. (2012). *O mal-estar na cultura e suas incidências na clínica em contextos de exclusão*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.

Trentini, M., Paim, L. (1999). *Pesquisa em Enfermagem. Uma modalidade convergente assistencial*. Florianópolis: Editora da UFSC.

UOL (2020). ‘Gripezinha’: leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19. ['Gripezinha': leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19](#)

UOL (2020). Bolsonaro compara coronavírus a chuva: “Vai molhar 70% de vocês”. UOL. [Bolsonaro compara coronavírus a chuva: "Vai molhar 70% de vocês" - 03/04/2020 - UOL Notícias](#)

UOL (2020). Bolsonaro ignora recomendações, provoca aglomeração e abraça padre no RS. [Bolsonaro ignora recomendações, provoca aglomeração e abraça padre no RS - 30/04/2020 - UOL Notícias](#)

UOL. (2020). “Sou Messias, mas não faço milagres”, diz Bolsonaro sobre recorde de mortes. ["Sou Messias, mas não faço milagres", diz Bolsonaro sobre recorde de mortes](#)

Valladares-Torres, A. C. A. (2020) Arteterapia: potencializando o melhor de si em tempos de pandemia do COVID-19 – uma proposta de ação. *Rev Científica Arteterapia Cores da Vida*. 27. 41-51. Disponível em: [RevistaCien. CoresdaVida | abca](#)

Van, H., E. Lockdown is the world's biggest psychological experiment - and we will pay the price. Disponível em: [Lockdown is the world's biggest psychological experiment - and we will pay the price](#)

Vergara, S. C. (2008). A resiliência de profissionais angolanos. *Revista de Administração Pública*, 42(4). 701-718. Disponível em: [A resiliência de profissionais angolanos](#)

Zanella, A. V., Levitan, D., Almeida, G. B., e Furtado, J. R. (2012). Sobre reXistências. *Revista Psicologia Política*, 12(24), 247-262. Disponível em: [Sobre reXistências](#).